FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

MESTRADO EM LÍNGUA E SOCIEDADE

# *As conversações quotidianas e as assimetrias de poder entre homens e mulheres em Xificundri*

Supervisores:

Prof. Doutor Manuel Guissemo

Prof.ª Doutora Lurdes Rodrigues da Silva

Mestrando: Luís Isaías Mavota

Maputo, Setembro de 2024

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

MESTRADO EM LÍNGUA E SOCIEDADE

***As conversações quotidianas e as assimetrias de poder entre homens e mulheres em Xificundri***

Dissertação submetida ao Departamento de Linguística e Literatura da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre.

O candidato: Luís Isaías Mavota

| **O Presidente** | **O Supervisor** | **O Arguente** | **Data** |
|---|---|---|---|
| _____ Prof. Doutor Gregório Domingos Firmino | _____ Prof. Doutor Manuel Armando Guissemo, substituído pela Prof.ª Doutora Lurdes Balbina Rodrigues da Silva | _____ Prof.ª Doutora Julieta Machimuassana Langa | ____/____/2024 |

**Compromisso de honra**

Eu, **Luís Isaías Mavota**, estudante do curso de Mestrado em Língua e Sociedade na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, declaro, por minha honra, que a presente dissertação é autêntica, fruto da minha pesquisa e das orientações dos meus supervisores. Ainda, declaro que nunca foi apresentada em nenhuma outra circunstância para obtenção de qualquer grau académico e que as fontes consultadas estão devidamente referenciadas.

Maputo, Setembro de 2024

O Mestrando

Luís Isaías Mavota

**Dedicatória**

*À minha mãe (em memória)!*

*À minha esposa, Francisca Araújo, e*

*aos meus queridos filhos, Micaela e Francylu!*

## Agradecimentos

A Deus, pela vida, saúde e força física e mental que me concedeu ao longo da caminhada e não só. Eterna e incomensurável gratidão aos meus supervisores, Prof. Doutor Munuel Guissemo (em memória) e Prof.ª Doutora Lurdes Rodrigues da Silva, em substituição do Prof. Doutor Manuel Guissemo, cujas características peculiares são a paciência, a comunicabilidade e o rigor metódico, pelo acompanhamento, orientação e valiosos contributos na construção desta pesquisa. Igualmente, agradeço a todos os professores que, no ano 2021, intervieram nos mestrados do Departamento de Linguística e Literatura da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, de modo especial aos professores Gregório Firmino, Eliseu Mabasso e Ezra Nhampoca, por todos os ensinamentos ao longo do processo de formação.

Eterno, infinito e especial agradecimento à minha esposa – Francisca Araújo Mavota – e aos meus filhos – Micaela Luís Mavota e Francylu Mavota – por suportarem a minha "ausência mesmo quando presente", e por aceitarem a longa e torturante austeridade para dividir a renda familiar com os elevados custos da minha formação, distribuídos em propinas, transporte, cópias de textos, aquisição de livros e outros materiais. Com sinceridade, o meu muitíssimo obrigado!

Às estruturas locais de Xificundri, também conhecido por Cumbene, que, incondicionalmente, me aceitaram e receberam naquele local e se fizeram meus companheiros do primeiro ao último minuto, com destaque para o chefe das terras que viabilizou a materialização da minha presença em todos os domínios abrangidos pela pesquisa.

Ao meu primo, João Macandza, que aceitou se desprender do seu escasso tempo para me acompanhar às terras anteriormente por mim desconhecidas de Xificundri; ajudou-me a estar mais próximo dos residentes e contribuiu brilhantemente com ideias assertivas na condução das gravações das conversas e das entrevistas. Agradeço, de forma distinta, a Sabrina Balsalobre, pesquisadora da área em estudo, que, mesmo sem me conhecer, aceitou prestar-me o seu incondicional apoio.

Aos colegas de trabalho pelas enriquecedoras conversas sobre a Linguística Textual, que, sem dúvida, despertaram em mim o gosto pelo texto, especificamente pelo conversacional. Agradeço aos colegas dos Mestrados em Ensino de Português Língua Segunda, Bilinguismo e Educação Bilingue e Língua e Sociedade, em especial a Raimundo Quive, Elisa Maluana e Amina Ibrahimo, pelo companheirismo sincero. Por último, o meu franco e honesto agradecimento a todos que directa ou indirectamente tornaram o meu processo de formação possível.

**Resumo**

O Homem é um ser social, por isso dialógico, o que significa que ele necessita de interagir com o seu semelhante para satisfazer as suas necessidades, desde as mais simples até às mais complexas. Essa interacção é realizada com recurso à linguagem, seja verbal, não-verbal ou multimodal. As conversas, embora possam ser simétricas, comummente, têm em si subjacente o poder, enquanto capacidade de influenciar os outros. O poder decorre dos papéis sociais que os interlocutores ocupam nas organizações sociais, não sendo excepção a interacção de indivíduos de géneros diferentes. As assimetrias de poder na interacção conversacional manifestam-se através das escolhas linguísticas. É, portanto, neste contexto que surge a presente pesquisa intitulada *"*As conversações quotidianas e as assimetrias de poder entre homens e mulheres em Xificundri*"*, cujo objectivo central é analisar a ocorrência de assimetrias de poder com recurso a elementos linguísticos de natureza pragmática na interacção quotidiana entre homens e mulheres em diferentes domínios sociais. O estudo é qualitativo, tendo, fundamentalmente, recorrido à observação directa como principal técnica de recolha de dados, com destaque às gravações de conversas para a constituição do *corpus* e às entrevistas para esclarecer a ocorrência de alguns comportamentos de interlocutores durante as diferentes interacções conversacionais gravadas. O estudo foi realizado no bairro de Xificundri, localidade de Ngalundi, posto administrativo de Bobole, distrito de Marracuene, e os dados foram recolhidos nos domínios laboral, religioso, familiar e entretenimento. A pesquisa constatou que, na interacção entre homens e mulheres, existem assimetrias de poder, motivadas por diferentes factores sociais, destacando-se a função que os interlocutores exercem no meio social ou organizacional, razão por que não se pode afirmar, *a priori*, que, numa interacção, o poder é exercido pelos homens ou pelas mulheres. Os resultados do estudo mostram que, no DL, dependendo do contexto da conversa, existe, por um lado, uma tendência de ocultar o poder com recurso à polidez da face e ao não uso de actos directivos directos. Por outro, há tendência de se recorrer ao poder institucional para consubstanciar algum posicionamento. No DR, a tendência é contrária, havendo preocupação de se exercer o poder de diferentes maneiras, com destaque para a não produção de turnos adjacentes, o não uso de formas de tratamento por parte dos homens, a monopolização da fala e turnos excessivamente longos. Na família, o poder é decorrente do processo de socialização que se inculca nos membros da sociedade, colocando o homem sempre num lugar de poder, que se manifesta com recurso à deixis, actos de fala, estratégias de coortesia, entre outros. Por último, no domínio do entretenimento, as relações de poder revelaram-se ser de grau zero, havendo, porém, eventos de interacção em que os interlocutores, por alguma razão, reclamam o poder. O estudo conclui que o poder, dependendo do domínio e do papel social dos interlocutores, pode ser exercido tanto por homens, assim como por mulheres.

**Palavras-chave:** Interacção, assimetrias de poder, actos de fala, deixis social, cortesia e turno de fala.

## Abstract

Man is a social being, therefore dialogical, which means that he needs to interact with his fellows to satisfy his needs, from the simplest to the most complex ones. This interaction occurs through language use, whether verbal, non-verbal or multimodal. Talks-in interaction, although they may be symmetrical at times, generally power also underlies them. This means the ability to influence others. Power arises from the social roles/positions that the interlocutors occupy in social organizations, with the interaction of individuals of opposite genders being no exception. Power asymmetries in talk-in-interaction manifest themselves through linguistic choices. It is, therefore, in this context that the present research entitled "Daily conversations and power asymmetries between men and women in Xificundri" arises, whose central objective is to analyze the occurrence of power asymmetries through linguistic elements of pragmatic nature in the daily interaction between men and women in different social domains. The study is qualitative and the main technique employed for data collection is direct observation, which consisted of using interviews and recordings of conversations to create the corpus so as to clarify some of the interlocutors' behaviors during the different assisted/recorded interactions. The Data were collected in four social domains namely – work, religious, family and entertainment, in the neighbourhood of Xificundri, Ngalundi, administrative post of Bobole, Marracuene district. The research findings show that, in the interaction between men and women, there are, indeed, asymmetries of power, motivated by different social factors, with special emphasis on the role or function that the interlocutors occupy in a given organization, although it is not possible to state a priori that power is either exercised by men or women. It was also concluded that, at the workplace, depending on the context of the conversation, there is, on the one hand, tendency to hide power by resorting to politeness and not using direct directive acts. On the other hand, there is a tendency to resort to institutional power to assert a position. In the religious domain, the trend is opposite, with concerns about exercising power in different ways, with emphasis on the non-production of adjacent turns, the non-use of forms of address by men, and the monopolization of speech by making it excessively long. In the family, power derives from the socialization process that is inculcated in members of society, always placing men in the position of power, which manifests itself through the use of deixis, speech acts, courtesy strategies, among others. Finally, in the entertainment domain, power relations generally revealed themselves to be of zero degree, with, however, interaction events in which some of the interlocutors, for some reason, claim power. In general, the study concludes that power can be exercised either by men or women, depending on the domain and social roles played by the interlocutors' involved. Therefore, it can't be assumed that during interaction with women, men are the ones who exercise power.



**Key words:** Interaction, power asymmetries, speech acts, social deixis, courtesy and speech turn.

**Lista de tabelas**

**Tabela 1** Período de estudo no campo e actividades desencadeadas .....32
**Tabela 2** Relação entre os papéis sociais e os elementos linguísticos no DL .....51
**Tabela 3** Relação entre os papéis sociais e os elementos linguísticos no DR.....52
**Tabela 4** Relação entre os papéis sociais e os elementos linguísticos no DF .....53
**Tabela 5** Relação entre os papéis sociais e os elementos linguísticos no DE.....54
**Tabela 6** Percepção dos residentes sobre o exercício de poder e suas implicações.....55
**Tabela 7** Estratégias de exercício ou ocultação de poder no DL .....56
**Tabela 8** Estratégias de exercício ou ocultação de poder no DR.....56
**Tabela 9** Estratégias de exercício ou ocultação de poder no DF .....57
**Tabela 10** Estratégias de exercício ou ocultação de poder no DE .....57

**Lista de abreviaturas e acrónimos**

**AD** – Análise de Discurso

**AF** – Acto(s) de fala

**AltC** – Alternância de códigos

**C** – Conversa

**D** – Domínio

**DE** – Domínio entretenimento

**DF** – Domínio familiar

**DL** – Domínio laboral

**DR** – Domínio religioso

**DS** – Deixis social

**EstCt** – Estratégia de cortesia

**H** – Homem

**M** – Mulher

**Q** – Questão

**SIC** – Sociedade Independente de Comunicação

**Índice**

Compromisso de honra ..... i

Dedicatória ..... ii

Resumo ..... iv

Abstract ..... v

Lista de tabelas ..... vi

Lista de abreviaturas e acrónimos ..... vii

1. Introdução ..... 1

1.1 Objectivos ..... 2

1.2 Problema ..... 3

1.3 Perguntas de partida ..... 3

1.4 Motivação e relevância do estudo ..... 4

1.5 Organização do estudo ..... 5

2. Revisão da Literatura ..... 6

2.1 Conceitos operatórios ..... 6

2.2 Interacção conversacional ..... 8

2.2.1 Características da conversação ..... 9

2.2.2 Estrutura da conversação ..... 10

2.2.3 Interacção conversacional entre homens e mulheres ..... 11

2.3 Interacção e poder ..... 12

2.4 Abordagens relativas à interacção ..... 16

2.4.1 Abordagem da teoria da informação ..... 16

2.4.2 Abordagem etnográfica ..... 18

2.4.3 Abordagem etnometodológica ..... 18

2.4.4 Abordagem da AD ..... 19

2.4.5 Abordagem sócio-interaccional ..... 21

2.5 Quadro teórico ..... 28

3. Metodologia ..... 31

3.1. Natureza do estudo ..... 31

3.2. Região e período de estudo ..... 31

3.2.1 Região de estudo ..... 31

3.2.2 Período do estudo ..... 32

3.3 População e amostragem ..... 33
3.4 Técnicas de recolha de dados ..... 34
3.5 Técnica de análise de dados ..... 35
3.6 Considerações éticas ..... 36
4. Apresentação e análise de dados ..... 37
4.1 Elementos linguístico-pragmáticos no exercício de poder ..... 37
4.1.1 Elementos linguístico-pragmáticos no DL ..... 37
4.1.2 Elementos linguístico-pragmáticos no DR ..... 41
4.1.3 Elementos linguístico-pragmáticos no DF ..... 44
4.1.4 Elementos linguístico-pragmáticos no domínio entretenimento ..... 47
4.2 Relação entre as escolhas linguísticas de poder e os papéis sociais ..... 51
4.2.1 Escolhas linguísticas e os papéis sociais no DL ..... 51
4.2.2 Escolhas linguísticas e os papéis sociais no DR ..... 52
4.2.3 Escolhas linguísticas e os papéis sociais no DF ..... 53
4.2.4 Escolhas linguísticas e os papéis sociais no DE ..... 54
4.3 Percepção dos residentes sobre o exercício de poder na interlocução ..... 54
4.4 Comparação das estratégias em diferentes domínios ..... 56
5. Conclusões e recomendações ..... 59
5.1 Conclusão ..... 59
5.2 Recomendações ..... 61
Referências bibliográficas ..... 62
Apêndice 1 – Dados sociodemográficos ..... I
Apêndice 2 – Guião de Entrevista ..... II
Apêndice 3 – Corpora ..... III

## 1. Introdução

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar em diálogos: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. No processo de diálogo, o Homem participa em todo e com toda a sua vida, com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, o corpo, com as suas acções. Ele põe-se todo na palavra, que é considerada tecido dialógico da existência humana. Entretanto, uma interacção conversacional, em todas as circunstâncias, de acordo com Madureira e Trentini (2008, p. 638) e Fairclough (1995, p. 44), tem em si subjacente o poder, enquanto habilidade de influenciar o comportamento de outra pessoa, posicionamento que é corroborado por Balsalobre (2017, p. 57) ao referir ser praticamente difícil estabelecer relações em que não haja nenhuma denotação de poder, embora este possa ser atenuado.

É, portanto, neste âmbito, que se propõe o presente estudo, intitulado *''*As conversações quotidianas e as assimetrias de poder entre homens e mulheres em Xificundri*''*, com o objectivo de avaliar como é que o poder se manifesta com recurso a elementos linguísticos de natureza pragmática, na interacção entre pessoas de géneros diferentes, em vários domínios.

A pesquisa tem como ponto de partida os estudos de Langa (2010) e de Balsalobre (2017). O primeiro estudo analisa como é que os mecanismos de socialização, a par do lobolo, conduzem às diferenças linguísticas entre homens e mulheres na cultura *Tsonga*, especificamente no distrito de Moamba, e conclui que as diferenças no uso da linguagem entre homens e mulheres derivam do facto de, desde cedo, no processo de socialização, ensinar-se que o homem é superior em relação à mulher e, a esta, incutir-se expressões que remetem a sua submissão ao homem, adoptando, desde a infância, uma postura que assenta em evitar intimidade quando fala com homens.

As conclusões de Langa (2010) encontram fundamento no facto de a região onde se realizou o estudo pertencer à sociedade patrilinear, dando-se privilégio aos filhos do sexo masculino. Essa situação evidencia que, embora o país, por meio de diferentes organizações, lute para a emancipação das mulheres, em locais distantes dos meios urbanos há, ainda, alguma conservação dos valores tradicionais, o que concorre, segundo Silva (2006, p. 56), para a relegação da escolarização das meninas ao segundo plano, em detrimento da dos meninos.

O segundo estudo, de Balsalobre (2017), observa o comportamento social dos homens e das mulheres expresso por meio das suas escolhas linguísticas, especificamente por meio das formas de tratamento, concluindo que, na interacção entre indivíduos de géneros diferentes, há

uma tendência de se optar por palavras ou expressões pertencentes à semântica de poder, destacando o facto de os homens moçambicanos preferirem abordar os seus interlocutores restringindo-se ao assunto.

Apesar de o estudo de Balsalobre (2017) não se referir a um contexto moçambicano específico de uso da língua, as suas conclusões mostram-se pertinentes para este estudo, contudo elas não podem ser assumidas à partida, pois, dependendo do domínio e dos papéis sociais dos interlocutores, as relações de poder podem assumir outras tendências.

Decorrente das conclusões de Langa (2010) e Balsalobre (2017), o presente estudo propõe-se a reflectir sobre como essas diferenças de usos linguísticos entre os homens e as mulheres concorrem para o exercício de poder, numa conversa concreta entre indivíduos de géneros diferentes nos domínios religioso, familiar, laboral e entretenimento, no distrito de Marracuene, posto administrativo de Bobole, localidade de Ngalundi, especificamente no bairro Xificundri. A mais-valia do estudo reside no facto de observar a língua no seu contexto natural, além de possibilitar a comparação de dados empíricos recolhidos em diferentes domínios que, apesar de inseridos na mesma comunidade, poderão apresentar diferenças na selecção e no uso dos elementos linguísticos que concorram para o exercício do poder, em função das características peculiares que cada domínio apresenta.

### 1.1 Objectivos

São os objectivos do presente estudo:

***Geral:***

- Avaliar a ocorrência de assimetrias de poder com recurso a elementos linguísticos de natureza pragmática nas interacções quotidianas entre homens e mulheres, em diferentes domínios sociais.

***Específicos:***

- Analisar os elementos linguísticos de natureza pragmática que, nas interlocuções entre homens e mulheres, remetem ao exercício de poder nos domínios laboral, religioso, familiar e entretenimento em Xificundri;
- Relacionar os elementos linguísticos de exercício de poder com os papéis sociais, nas interacções entre homens e mulheres em Xificundri;

- Descrever a percepção dos residentes de Xificundri sobre o exercício de poder com recurso aos elementos linguísticos de natureza pragmática;
- Comparar as estratégias linguísticas de exercício de poder verificadas em diferentes domínios de Xificundri.

### 1.2 Problema

A interacção é, segundo Guarnieri (2007), a base de qualquer relacionamento, sendo que ela ocorre com recurso à conversação. Aliás, é escassa ou quase inexistente uma interacção sem conversação, de tal forma que toda a conversação cabe na interacção, que é condição fundamental no estabelecimento e manutenção de qualquer relação.

Entretanto, segundo Langa (2010), entre homens e mulheres há diferenças linguísticas motivadas pela construção social, que coloca o homem em posição superior à mulher, ideia transmitida durante a socialização e, para o caso dos tsongas[1], reforçada pelo lobolo. Outrossim, de acordo com Araújo (2021), Madureira e Trentini (2008) e Fairclough (1995), na base de qualquer relacionamento está subjacente o poder, entendido como habilidade de influenciar o comportamento de outra pessoa, o que significa que sempre existe alguma assimetria de poder entre os interlocutores.

Vista a interacção na perspectiva acima, a linguagem pode ser tida como um campo de força ideológica onde entram em disputa os interesses de diferentes grupos sociais. Ela é um meio para o exercício de poder, o que sugere que numa conversação há, ainda que de forma implícita, assimetria de poder. Neste âmbito, torna-se mister desconstruir a seguinte questão de pesquisa: *de que forma a assimetria de poder ocorre com recurso a elementos linguísticos de natureza pragmática, em conversações quotidianas entre homens e mulheres em Xificundri*?

### 1.3 Perguntas de partida

O presente estudo tem como perguntas de partida as seguintes:

- Que elementos linguístico-pragmáticos, nas interlocuções entre homens e mulheres residentes nos domínios laboral, religioso, familiar e entretenimento, em Xificundri, concorrem para as assimetrias de poder?

[1] População de origem bantu que, em Moçambique, se localiza na região sul do país, nas províncias de Inhambane, Gaza e Maputo (Langa, 2010).

- Haverá ou não relação entre os elementos linguísticos de natureza pragmática de exercício de poder e os papéis sociais dos interlocutores?
- Que percepção os residentes têm sobre o exercício de poder com recurso aos elementos linguísticos de natureza pragmática numa interacção conversacional entre homens e mulheres?
- Será que a estratégia de exercício de poder com recurso aos elementos linguísticos é comum em todos os domínios sociais?

### 1.4 Motivação e relevância do estudo

O ser humano, por natureza, é social, precisando, por isso, de se comunicar para se manter conectado aos seus semelhantes. Contudo, nas interacções conversacionais está sempre presente o poder, modo geral, assimétrico (Candela, 1999, p. 30), decorrente, sobretudo, das posições sócio-discursivas dos interlocutores.

Segundo Orlandi (2015, p. 47), numa interacção, quem fala não é o indivíduo em si, mas a posição sócio-discursiva que ele ocupa, por exemplo: esposo, esposa; pai/mãe, filho; irmão, irmã; velho, novo; chefe, subordinado; titular de conhecimento, aprendiz; rico, pobre; provedor de produtos, proprietário de finanças; entre outras posições discursivas. Essa assimetria tem impacto directo no uso quotidiano da língua, despertando, por essa via, interesse em estudar e compreender os elementos de natureza linguística que concorrem para o efeito, cujo entendimento poderá contribuir para a compreensão dos comportamentos das sociedades, especificamente na interacção entre homens e mulheres em diferentes domínios sociais.

Assim, a motivação para estudar "*As conversações quotidianas e as assimetrias de poder entre homens e mulheres em Xificundri*" decorre da exiguidade de estudos sobre as relações de poder nas interacções conversacionais no contexto moçambicano, que analisem conversas captadas em situações reais de uso da língua; e deriva das recomendações do estudo de Langa (2010:54), que apontam para a necessidade de "aprofundar o estudo [sobre as diferenças nas escolhas linguísticas], olhando para os outros domínios, com recurso à observação participante, o que permitiria observar a língua no seu contexto natural de uso."

Também, a motivação é decorrente do interesse em compreender as diferentes estratégias de manifestação, ocultação ou minimização de poder nas interacções conversacionais e da necessidade de aprofundar o funcionamento e as especificidades da interacção conversacional e consequente desenvolvimento profissional.

A relevância desta pesquisa reside na possibilidade de ela contribuir para a compreensão das diferentes estratégias multimodais que, numa conversa, concorrem para a manifestação de poder em diferentes domínios sociais, de modo específico em Xificundri.

Igualmente, a pesquisa é relevante porque pode contribuir como ferramenta teórica e metodológica de pesquisa para estudiosos da área de línguas que se interessam pelo texto ou discurso, especificamente pelos géneros conversacionais. Por último, a pesquisa é relevante porque pode abrir outras linhas de investigação sobre a relação entre o poder e o uso da língua, esperando-se, nesse âmbito, que sirva de ponto de partida.

### 1.5 Organização do estudo

O estudo, por questões metodológicas e para uma melhor compreensão, subdivide-se em cinco capítulos: introdução, revisão de literatura, metodologia, apresentação e análise de dados e, por último, conclusões e recomendações.

A introdução faz a contextualização do estudo, apresenta os objectivos da pesquisa, o problema, as perguntas de partida, a motivação para a eleição do tema e a relevância do estudo sob perspectivas social, individual, profissional e académico. No fim, apresenta a estrutura organizacional do trabalho. O capítulo da revisão de literatura apresenta os conceitos operatórios, procede ao levantamento do assunto estudado, procurando mostrar o significado actual e os resultados de pesquisas referentes à temática. Apresenta, igualmente, alguns estudos sobre o exercício de poder com recurso à linguagem. Por último, descreve o quadro teórico adoptado no estudo.

O capítulo da metodologia minucia o caminho percorrido para a materialização do estudo, destacando o *design* da pesquisa, as técnicas de recolha de dados, o período e o local de estudo, a população e amostragem, os aspectos éticos considerados e a perspectiva de análise de dados. O da apresentação e análise de dados, cuja organização é em função dos objectivos e das perguntas de pesquisa definidos, apresenta os dados da pesquisa e analisa-os à luz da revisão de literatura e do enquadramento teórico.

O último capítulo sistematiza os principais pontos do estudo, apresenta a leitura global dos dados e verifica o grau do alcance dos objectivos e das questões de pesquisa; aponta as recomendações decorrentes do estudo. Por fim, alista-se a bibliografia consultada e anexa-se o guião da entrevista, os *corpora* e as transcrições brutas das conversas.

## 2. Revisão da Literatura

Este capítulo discute conceitos, busca, descreve e analisa um corpo do conhecimento que possibilita encontrar respostas às perguntas sobre o tema da presente pesquisa. De forma concreta, define os conceitos operatórios, apresenta o estado da arte sobre a interacção conversacional e o exercício de poder com recurso aos elementos linguísticos; discute as diferentes perpectivas teóricas e metodológicas para o estudo das interacções conversacionais e apresenta o quadro teórico.

### 2.1 Conceitos operatórios

Abaixo, definem-se os conceitos-chave fundamentais para a compreensão desta pesquisa, cujo objectivo é avaliar a ocorrência de assimetrias de poder entre homens e mulheres, designadamente: a interacção, a conversação, o poder, a assimetria, o acto de fala, a deixis e a cortesia.

***a) Interacção***

A interacção é tida como uma sequência em que o indivíduo A exibe o comportamento X para o indivíduo B, ou A exibe X para B e B responde com Y (Hinde, 1976). Por seu turno, Kerbrat-Orecchioni (2014) define a interacção como sendo uma troca comunicativa que exige que todos participantes estejam engajados e dêem sinais desse engajamento mútuo, recorrendo aos diversificados procedimentos de validação interlocutória.

Das definições acima, constata-se que Hide (1976), na sua definição, admite a existência de um tipo de interacção em que a influência entre os parceiros não seja necessariamente recíproca. Por essa razão, a definição que responde aos objectivos deste estudo é a de Kerbrat-Orecchioni (2014), que ressalta a necessidade de engajamento mútuo entre os indivíduos envolvidos.

***b) Conversação***

Kerbrat-Orecchioni (2014), por um lado, define a conversação como um género básico da interacção humana que implica um número relativamente restrito de participantes, cujos papéis não estão previamente determinados. Por outro, Sim-Sim (2018) considera a conversação um acto de resolver cooperativamente um problema, caracterizado pela participação de, pelo menos, dois interlocutores que, alternada e sequencialmente, produzem enunciados refentes a um sistema de tópicos relacionados.

As definições de Kerbrat-Orecchioni (2014) e de Sim-Sim (2018) complementam-se, sendo que a primeira ressalta o facto de, na interlocução, não haver definição prévia sobre os papéis dos interlocutores, o que pressupõe haver permutas ao longo do processo. A segunda, por seu turno, destaca alguns princípios fundamentais que caracterizam uma conversa: o de harmonia interna e o da alternância de vez. Assim, ambas as definições, dada a sua complementaridade, são fundamentais para este estudo.

### *c) Poder*

O poder é uma rede de práticas sociais constituída historicamente e que se exerce em níveis variados e em pontos diferentes das relações em que os indivíduos se inserem (Foucault, 2019). Entretanto, para Fairclough (1989), o poder é considerado uma força passível de mudança e superação, exercida e reproduzida no discurso e nas relações sociais existentes entre os interlocutores.

No presente trabalho, adoptam-se as duas definições de poder, pois elas interceptam-se na medida em que ambas o têm como força ou capacidade de influenciar o outro, presente nas relações dialogais, motivada pelos papéis sociais dos interlocutores.

### *d) Assimetria*

A assimetria é a discrepância, diferença, falta de igualdade e de semelhança, com discordância (Dicionário de Português in: https://www.dicio.com.br/). Por seu turno, para Candela (1999), a assimetria consiste na diferença de posições nas relações discursivas entre os parceiros da enunciação.

Tendo em consideração o foco da pesquisa, a definição de Candela (1999) revela-se apropriada na medida em que remete à diferença de papéis sociais na interlocução e, por essa via, ao exercício de poder, influenciado pelos papéis interaccionais.

### *e) Acto de fala*

AF é, de acordo com Matos (2019), um enunciado produzido num determinado contexto de interacção comunicativa, dotado de alguma intenção. Levinson (2007), por sua vez, tem-no como uma acção praticada através de enunciados produzidos pelos falantes, devendo relacionar-se com as intenções comunicativas.

Embora haja relação entre as duas definições acima, a que se configura completa e adequada para este estudo é a de Levinson (2007), pois um AF não corresponde necessariamente a um enunciado e nele existe sempre alguma intenção.

### *f) Deixis*

Levinson (2007) define a deixis como uma expressão verifuncional que envolve um elemento de reflexividade à ocorrência, correspondendo, por isso, ao sujeito falante e às coordenadas situacionais de tempo e espaço que presidem o acto de enunciação. Yule (1996), por sua vez, considera deixis um elemento fundamental na interpretação contextual de um enunciado que visa apontar através da linguagem.

As definições de Levinson (2007) e de Yule (1996) consideram a deixis como um elemento da língua cuja função é indicar as posições dos intervenientes e dos objectos à sua volta, pelo que ambas são adequadas para o estudo.

### *g) Cortesia*

Entende-se por cortesia a forma de manifestação de delicadeza, amabilidade, graciosidade ou educação, evitando o distanciamento entre os interlocutores numa determinada interacção conversacional (Dicionário de Português, in: https://www.lexico.pt/). Já Fernandes (2020) define a cortesia como conjunto de estratégias que visa preservar a face ou combater os actos ameaçadores da face.

As definições acima complementam-se na medida em que a dicionarista apresenta detalhes daquilo que, numa interacção conversacional, o contrário seria ameaçador da face: indelicadeza, ferocidade, falta de educação.

## 2.2 Interacção conversacional

A vida do Homem só é possível graças à interacção social que, de acordo com Ochs e Schieffelin (2017), ocorre em grande medida por meio da linguagem. Para Pereira (2017), o objecto da linguagem é o enunciado, pressupondo, por isso, a existência de interlocução e a presença de enunciador e enunciatário.

Koch e Bentes (2008, p. 17) reforçam a ideia acima ao defenderem que a interacção social entre os seres humanos se realiza por meio de discurso, considerada uma "unidade pragmática (…) capaz de produzir efeitos ou reacções".

A partir das definições acima, pode-se considerar a linguagem como instrumento da conversação e interacção, dois termos que, segundo Midões (2007/2008, p. 3), "estão directamente relacionados, uma vez ser escassa a interacção sem conversação e quase nula a conversação que não acabe em interacção". Dito de outro modo, a interacção e a conversação caminham de mãos dadas, sendo que para a sua materialização é preciso, de acordo com Marcuschi (2003), que haja pelo menos dois interlocutores, que estejam engajados na sucessão de turnos de fala e dêem sinais desse engajamento mútuo, podendo, para o efeito, recorrerem a vários procedimentos de validação interlocutória.

A interacção social do Homem com recurso à linguagem, na visão de Koch e Bentes (2008, p. 17), constitui o objecto de estudo da Pragmática, que, segundo Levinson (2007, p. 32), é "o estudo da deixis, da implicatura, da pressuposição, dos AF e dos aspectos da estrutura discursiva [verbais e não-verbais]". Por outras palavras, a Pragmática é o estudo do uso linguístico, devendo-se, no estudo da interacção face-a-face, levar em conta não só o que as pessoas dizem durante o contacto, mas também o que não dizem. Igualmente, no estudo da interacção conversacional, segundo Goffman (1967, p. 1), devem ser considerados os materiais comportamentais como os olhares, os gestos, os posicionamentos e as declarações verbais.

A lista dos elementos comportamentais de Goffman (1967) a ter em conta no estudo da interacção face-a-face, considerada, de acordo com Langa (2009, p. 19), "um tipo de comunicação que ocorre num contexto de troca directa", consubstancia a ideia de que a interacção com recurso à linguagem é objecto da Pragmática, uma vez que tais aspectos dizem respeito ao uso da língua em situações concretas.

Assim, pode-se dizer que a interacção entre os seres humanos se materializa na conversação com recurso à linguagem verbal, não-verbal ou multimodal, resultando, esta última, da coabitação das duas primeiras formas.

### 2.2.1 Características da conversação

A conversação apresenta, segundo Marcuschi (2003), cinco características básicas constitutivas, designadamente a existência de dois ou mais interlocutores, a ocorrência de pelo menos uma troca de falantes, a presença de uma sequência de acções coordenadas, a identidade temporal e o envolvimento numa interacção centrada.

Relativamente aos interlocutores, Kerbrat-Orecchioni (2014) esclarece que o número deve ser relativamente reduzido, sem papéis interlocutivos predeterminados, devendo todos gozarem de direitos e deveres e que o objectivo explícito da interlocução tem de ser única e exclusivamente o de prazer de conversar.

A conversação, em todas as circustâncias, embora os interlocutores possam estar em lugares distintos, ocorre durante o mesmo tempo e deve ser sempre centrada, uma vez que o simples acompanhamento linguístico de acções físicas não caracteriza uma conversa. A sua efectivação é normalmente com perguntas e respostas ou com asserções e réplicas.

A troca de falantes deve constituir uma sequência de acções coordenadas, pois, como Sim-Sim (2018, p. 168) advoga, "a carecterística principal da conversa é (…) a actividade essencialmente cooperativa que preside à interacção verbal dos interlocutores", o que significa que na interlocução deve haver engajamento de todos os envolvidos, resultante da patilha de conhecimentos comuns, com destaque para a aptidão linguística, o envolvimento cultural e os saberes culturais.

### 2.2.2 Estrutura da conversação

Uma conversação, tal como qualquer outra sequência discursiva, apresenta, de acordo com Van Dijk (1992), uma estrutura prototípica, chamada superestrutura, que é mais ou menos fixa, conhecida e identificada intuitivamente pelos usuários da língua inseridos num determinado contexto cultural e comunicativo, sendo relevante tanto no processo de produção, assim como no da recepção.

A conversação apresenta-se como uma sucessão de turnos de fala regida não só pelas regras de alternância, mas também pelos princípios de coerência interna, pois ela obedece a regras de encadeamento sintáctico, semântico e pragmático. Nesses termos, segundo Kerbrat-Orecchioni (2014) e Adam (1992), a conversação segue o seguinte esquema geral: sequência de abertura, corpo da interacção e sequência de conclusão. As sequências de abertura e de conclusão servem, respectivamente, para preparar o ambiente físico e psicológico entre os interlocutores e anunciar de forma harmonizada possível o fim do encontro.

Sim-Sim (2018), por sua vez, define como formato da conversa o início do diálogo, o revezamento de turnos e o encerramento do diálogo, sendo que os momentos das extremidades apresentam rituais próprios, cuja violação pode ser considerada como falta de cortesia.

Os esquemas acima propostos convergem na medida em que ambas apresentam três momentos, equivalendo o revezamento de Sim-Sim (2018) ao corpo de interacção de Kerbrat-Orecchioni (2014) e Adam (1992), sendo importante salientar que, em cada um dos momentos, na sucessão de turnos, deve haver enunciados adjacentes para que a conversação ocorra de forma coesa e harmoniosa, evitando-se, desse modo, transgressões voluntárias ou involuntárias.

### 2.2.3 Interacção conversacional entre homens e mulheres

As interacções entre quaisquer interlocutores nunca são igualitárias, pois nelas há sempre alguma manifestação de poder, que, para Madureira e Trentini (2008), é socioculturalmente construído e aceite como normal. Essa desigualdade é bastante notória na relação entre interlocutores de géneros diferentes devido à construção ideológico-cultural que, na óptica de Midões (2007/8), associa o homem à força física, adjectivando-o como vigoroso, robusto, instruído, poderoso, entre outros; a mulher, por seu turno, como frágil, mole, insegura, chorona e inconsciente. Ela, geralmente, faz perguntas para garantir o andamento da conversa, enquanto o homem coloca questões sarcásticas que inibem a comunicação de diferentes maneiras.

A ideia de assimetria na interação entre homem e mulher é corroborada por Knoll (1995, p. 1315), pois ele entende que o género, enquanto categoria social, cultural e discursivamente construído, "serve (…) para evidenciar as relações de poder".

As assimetrias entre géneros, no acto conversacional, manifestam-se com recurso a elementos diversos que, segundo Midões (2007/2008, p. 2), vão desde "a escolha dos AF e formas de tratamento, a selecção de expressões [palavras], a entoação, as pausas e até a ironia". Aliás, para Langa (2010), o que contribui para a diferenciação do uso da língua entre homens e mulheres é a forma como o universo cultural e as normas sociais de comportamento são transmitidos para homens e mulheres, sob forma de socialização.

A socialização, por isso, constitui um factor determinante, uma vez que as sociedades constroem culturalmente um ambiente em que há diferenças entre o que pode ser feito pelos homens e pelas mulheres, consequentemente, o género, tido como construção social, varia de cultura para cultura (Fórum Mulher, 2007, citado em Langa, 2010).

Portanto, fica evidente que as assimetrias entre homem e mulher existem, *a priori*, desde o começo da socialização. Elas derivam das condições socioculturais, históricas ou até económicas, mas reflectem-se no uso quotidiano da linguagem, traduzindo-se em poder.

### 2.3 Interacção e poder

Segundo Araújo (2021) e Candela (1999), as assimetrias e desigualdades são propriedades essenciais da conversação, isto é, consideram-nas inerentes às interacções sociais e que se explicam no discurso. Por seu turno, Guarinieri (2007) considera o poder como um aspecto importante em todas as interacções e, principalmente, entre interlocutores mais próximos, pois as pessoas que se relacionam dependem umas das outras para atingir seus objectivos.

Desse modo, a relação entre homem e mulher não pode ser excepção, uma vez que eles, tal como quaisquer intervenientes de uma interacção, também dependem um do outro. Outrossim, segundo afirma Guarinieri (2007), é improvável encontrar homem e mulher com mesmo poder.

A visão das assimetrias de poder entre homens e mulheres, embora possa ter algumas similaridades, não é comum em todas as sociedades. Na comunidade em estudo, por exemplo, o poder é patrilinear, porque a sua transmissão é feita de pai para o filho mais velho (Mandamule, 2016, p. 21). As práticas culturais e tradições que prevalecem neste tipo de sociedade desfavorecem as mulheres, situação que, na óptica de Manjate (2010, p. 152), as pessoas conhecem e reconhecem através do processo de socialização.

Nessa comunidade, as práticas culturais atribuem à mulher, pela posição que ocupa na estrutura da organização (primeira esposa, irmã mais velha, mãe, tia, avó…), muitos níveis de autoridade, mas poucos ou nenhum de poder, o que significa que, nessa condição, de acordo com Manjate (2010, p. 152), ela adquire, perante os que a rodeiam, prestígio que a autoriza a usar os seus meios para manter uma posição ascendente, sem, no entanto, poder alterar o estado de coisas, prerrogativa reservada única e exclusivamente ao homem que acumula poder e autoridade em diferentes níveis de organização da comunidade.

Apesar do reduzido exercício de poder pela mulher desde tenra idade, incluindo na sua interacção verbal com homens, na educação escolar e nas tarefas domésticas, atribui-se a ela, segundo Manjate (2010, p. 254), um papel central quando se trata de gestação, educação, socialização e acompanhamento de crianças.

O uso da linguagem como prática social é determinado pelas estruturas sociais, e as ordens de discurso são ideologicamente marcadas pelas relações de poder intra ou intergrupais, e na sociedade como um todo, sendo que, na região de Marracuene, o poder é para os homens (Manjate, 2010:242-243) e para os mais velhos da comunidade, que, na hierarquia social, ganham o topo da pirâmide quanto à obediência e ao respeito.

Há vários estudos sobre o exercício de poder com base na linguagem em interacções entre homens e mulheres. Destacam-se, pela sua proximidade ao objecto deste estudo, os de Souza (2009), Midões (2008), Langa (2010) e Balsalobre (2017).

Souza (2009) analisa a manifestação de poder com recurso aos AF, na conversação entre as personagens Juvenal Antena e Evilásio Caó, da novela "Duas Caras", emitida em Portugal, pela SIC, no período de 5 de Novembro de 2007 a 4 de Julho de 2008. O estudo é qualitativo, toma por base a teoria dos AF desenvolvida por John R. Searle (1969) e a teoria das relações de poder de Fairclough (2001). O estudo conclui que existe uma correlação nas relações de poder entre ambos os participantes e os AF emitidos pelos mesmos.

O personagem Juvenal, segundo Souza (2009, pp. 111-112), por exemplo, emite claramente actos directivos directos, cuja força ilocutória é a de ordem e o cumprimento por parte do alocutário deve ser preciso pelo facto de Juvenal ser detentor do poder máximo na Portelinha: *"J: FORA FORA SAI SAI!"; "J: E APROVEITA PRA SAIR DO BARRACO TAMBÉM QUE JÁ PERDEU DIREITO A ELE"!*

O estudo de Souza (2009) analisa a relação de poder entre dois interlocutores do mesmo género, o que ressalta a ideia de Foucault (2019), segundo a qual, na interacção, o poder está imbricado nos inúmeros vínculos sociais construídos diariamente, independentemente do género dos interlocutores.

Midões (2008), no seu estudo intitulado "*Comunicação Homem – Mulher: guerra ou diálogo*", procura perceber de que forma as mulheres e os homens reagem perante uma mesma situação. Como se expressam? Quem fala mais e por quê? O estudo conclui que mulheres têm tendência a repetir, na mesma frase, a ideia que pretendem transmitir e a colocar mais perguntas (falam mais) e que o silêncio não é relevante para a análise neste caso, pois agrega, apenas, meros elementos construtivos do discurso e sem grande importância ou especialidade particular.

Exemplo: *M - Aonde você vai?*
*H - Vou sair um pouco.*

*M - Vai de carro?*
*H - Sim.*
*M - Tem gasolina?*
*H - Sim... Coloquei.*
*M - Vai demorar?*
*H - Não... Coisa de uma hora.*
*M - Vai a algum lugar específico?*
*H - Não... só rodar por aí.*
*M - Não prefere ir a pé?*
*H - Não... vou de carro.*
*M - Traz um sorvete pra mim!*
*H - Trago... que sabor?*
*M - Manga.*
*H - Ok... na volta eu passo e compro.*
*M - Na volta?*
*[...]*

O exemplo acima, segundo Midões (2008, p. 14), comprova o uso assimétrico da língua por parte de interlocutores de géneros diferentes, evidenciando que, geralmente, "a mulher coloca mais interrogações".

O estudo consubstancia a ideia de que os homens e as mulheres têm, em todas as sociedades, formas típicas de se expressarem. Igualmente, ressalta a ideia de que as mulheres verborreiam mais que os homens.

Langa (2010) analisa, no contexto moçambicano, como é que os mecanismos de socialização concorrem para as diferenças linguísticas e comunicativas entre homens e mulheres na cultura Tsonga. O estudo é de carácter qualitativo e, na análise de dados, recorre aos *participantes* e ao *conteúdo*, uma vez que, no seu entender, a postura conversacional varia de acordo com as características do interlocutor (neste caso, vistas em termos do seu sexo) e do assunto que se pode abordar com esse interlocutor. O estudo conclui que, entre os *tsongas*, o poder é exercido pelo homem, devido ao processo de socialização, destacando a aplicação de regras que colocam os meninos em posição de privilégio em relação às meninas, tais como: não permitir que as refeições sejam tomadas antes dos rapazes; eles levam o melhor pedaço da carne; aos rapazes dá-se mais comida que às meninas, entre outras.

De acordo com Langa (2010, p. 40), "a mulher é desencorajada a levantar a voz quando fala com o homem, (neste caso, seu marido), a mulher deve ajoelhar-se para falar com o marido (e membros importantes da sua família, ex.: sogros) ", como ilustra o excerto do discurso captado

numa cerimónia de lobolo ***"…tem fome minha sogra, ajoelhares com os joelhos, pilares, cozinhares, ajoelhares dizeres vai comer comida.***"

O estudo de Langa (2010) consubstancia a ideia de que há formas típicas de uso da linguagem para as mulheres e para os homens, que decorrem do processo da socialização. As mulheres, por exemplo:

> …recorrem a estratégias/padrões/formas de comunicação que expressem a sua posição (de inferioridade); não têm de elevar a voz, gritar ou ralhar, pois elas encontram-se numa posição subalterna e todos os seus actos, incluindo o comportamento linguístico/comunicativo; não devem nunca dar ordens aos maridos, ou seja dirigirem-se aos maridos usando AF imperativos (Langa, 2010, p. 41).

Balsalobre (2017), no seu estudo intitulado "Expressões de poder e de solidariedade em Moçambique e em Angola: observando a inter-relação entre género e formas de tratamento", analisa o comportamento social das pessoas, expresso por meio de suas escolhas linguísticas, com o intuito de observar como mulheres e homens se relacionam e expressam suas percepções do mundo através das escolhas de formas de tratamento.

De forma restrita, o estudo de Balsalobre (2017) observa as ideias semânticas de poder e de solidariedade, como forças sociais expressas por meio de escolhas linguísticas. Usa como pilar teórico a complementaridade existente entre a sociolinguística e a pragmática, recorre aos métodos como: entrevista sobre o uso das formas de tratamento, questionário sócio-económico e fotografias representativas de perfis sociais para a simulação de diálogos; conclui que na interacção entre os indivíduos de géneros diferentes há uma tendência para escolhas pertencentes à semântica do poder, embora, em Moçambique, os homens prefiram abordar interlocutores restringindo-se ao assunto.

Exemplos:

- "*Olá, moça. Tudo bem? Podes me dizer se aqui tem um sítio onde vendem gasosa ou água, que eu tô com muita sede."*
- *Boa tarde, por favor, podia explicar onde é que fica...?* (BALSALOBRE, 2017, p. 1)

O primeiro exemplo ilustra a tendência a escolhas pertencentes à semântica de poder, sobretudo por parte dos homens quando se dirigem às mulheres. O segundo exemplo, por seu turno,

consubstancia a ideia de que os homens, na interacção com mulheres, preferem restringir-se ao assunto, omitindo a DS.

Balsalobre (2017), no seu estudo, ressalta a ideia de que há diferenças claras nas escolhas linguísticas entre homens e mulheres, destacando o uso de expressões solidárias na situação em que os interlocutores são do mesmo género, e da semântica de poder quando são de géneros diferentes.

Os quatro estudos acima descritos mostram haver tendência à manifestação das assimetrias de poder entre os homens e as mulheres com recurso aos elementos linguísticos. Ainda, mostram as diferentes possibilidades metodológicas e teóricas que se podem seguir quando se pretende desenvolver estudos sobre o uso diferenciado da língua entre homens e mulheres ou a manifestação de poder com recursos a elementos linguísticos numa interacção. Aliás, foi a partir desses estudos que se escolheram as opções teóricas e metodológicas desta investigação.

## 2.4 Abordagens relativas à interacção

Existem várias abordagens que versam sobre a interacção, a destacar a da teoria da informação, a etnográfica, a etnometodológica e a sócio-pragmática também conhecida como sócio-interaccional.

### 2.4.1 Abordagem da teoria da informação

A abordagem da teoria da informação, de acordo com Barros (2003), examina a comunicação na perspectiva da *medida da informação* – quantidade de informação transmitida, e da *economia de mensagem* – codificação e transmissão eficientes, sem efeitos indesejáveis. Nessa abordagem, a proposta mais conhecida é a de C. F. Shannon, cujo modelo de comunicação comporta um emissor e um receptor, divididos em duas caixas, que separam a codificação e a descodificação.

Este modelo, segundo Barros (2003), mostrou-se ineficaz por conta das seguintes limitações: simplificação excessiva da questão da comunicação verbal; concepção linear da comunicação, dizendo respeito apenas ao plano da expressão ou dos significantes; mecanicidade do modelo pelo facto de não levar em consideração questões extralinguísticas, do contexto sócio-histórico e cultural.

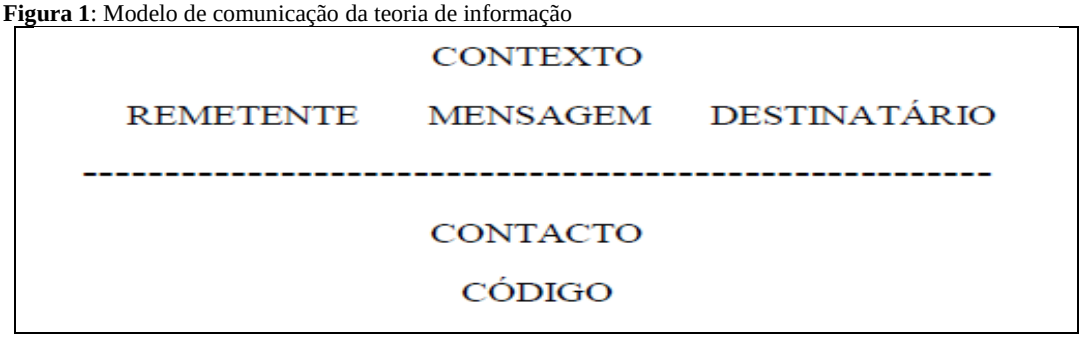
Decorrente das limitações, segundo Lyons (1987), Malmberg, em 1969, introduziu no modelo de Shannon a representação do código, situando a actualização das unidades linguísticas entre o código e o emissor; estabeleceu a relação entre o emissor e os elementos extralinguísticos e apontou para as diversas fases de codificação e descodificação da mensagem.

Ainda em 1969, segundo Lyons (1987), Jakobson ampliou a proposta teórica de Malmberg, demonstrando a relação entre remetente e destinatário na produção e compreensão da mensagem, assim como a necessidade da consideração de um referente contextual, um código e um canal físico que fossem compartilhados pelos interlocutores.

Segundo Jakobson (1976, p. 122), "a linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções", que correspondem aos factores constitutivos de todo o processo linguístico e de todo o acto de comunicação. Assim, o remetente envia uma mensagem ao destinatário, que, para ser eficaz, requer um contexto apreensível pelo destinatário; um código total ou parcialmente partilhado pelos interlocutores; e, finalmente, um contacto, um canal físico e uma conexão psicológica entre o locutor e o alocutário, que os capacite a estar em comunicação.

O modelo resultante dessa ampliação é, de acordo com Leite (2007: 235), o mais conhecido entre os estudiosos da linguagem na actualidade:

**Figura 1**: Modelo de comunicação da teoria de informação




**Fonte**: Jakobson (1976, p. 123)

Relativamente à abordagem da teoria da informação e às respectivas reformulações, do acima exposto, pode-se afirmar que, inicialmente, a teoria propiciava um esquema de comunicação linear e mecanicista, colocando os interlocutores em caixas separadas, descartando, por isso, a possibilidade de influência mútua entre os processos de codificação e a descodificação. Entretanto, com as reformulações, passou-se a ter um modelo que tivesse em conta a questão de representação do código e dos subcódigos, o que é fundamental, tanto no processo de produção pelo emissor, assim como no de recepção pelo destinatário.

### 2.4.2 Abordagem etnográfica

A etnografia da comunicação, segundo Van Herk (2012, p. 119), é uma forma de analisar o modo como as pessoas falam, cujos componentes básicos foram identificados por Hymes em 1962, com recurso ao acrónimo *SPEAKING*.

Segundo Hymes (1974), cada letra do acrónimo da ferramenta por si desenvolvida para o estudo da fala significa: ***S*** (*Setting and Scene*), o ambiente, espaço e tempo em que a interacção ocorre; ***P*** (*Participants*) diz respeito aos participantes, podendo ser subcategorizados em falante, destinatário primário, outros destinatários e outras pessoas que, eventualmente, entreouvem; ***E*** (*Ends*), os fins/propósitos que dependem do quanto a interacção é contingente, correspondendo às diferentes funções de fala; A (*Act Sequence*), forma e conteúdo, o que é dito e como é dito; ***K*** (*Key*) corresponde ao tom, à maneira ou ao espírito que o interlocutor confere à sua fala; ***I*** (*Instrumentalities*), as instrumentalidades, forma como a mensagem é transmitida (ex.: face-a-face, carta, telefone, etc.); ***N*** (*Norms*) referente às normas que presidem as interacções humanas (ex.: normas referentes ao espaço social e institucional) e ***G*** (*Genres),* formas textuais estabilizadas histórica e socialmente, situando-se a nível pragmático e discursivo.

A abordagem etnográfica, especificamente a etnografia da comunicação, de acordo com Wardhaugh e Fuller (2015), destaca o conceito de competência comunicativa que, segundo Bortoni (2014, p. 88), "habilita o falante a comunicar de modo aceitável com qualquer interlocutor do seu grupo (…) ou da sociedade (…), investido de qualquer papel social que foi atribuído", significando, portanto, que não basta os elementos contidos no acrónimo, é necessário que os falantes sejam comunicativamente competentes, saberem adequar os enunciados a diferentes situações de comunicação.

### 2.4.3 Abordagem etnometodológica

Nesta abordagem, evidenciam-se investigações conversacionais de Sacks, Schegloff e Jefferson, que, segundo Bortoni (2014, p. 194), "analisaram o surgimento sequencial da conversação, a organização ordenada das sequências e a forma sistemática e/ou estruturada dos fenómenos da conversação".

De acordo com Arminen (2005), em 1974, Sacks, Schegloff e Jefferson, em seu artigo sobre a tomada de turnos, argumentaram que a pré-alocação dos turnos permite que a ordem das contribuições seja planificada, possibilitando a uniformização ou a hierarquização da

distribuição dos turnos, que, para Marcuschi (2003) e Kerbrat-Orecchioni (2014), correspondem à intervenção dos interlocutores na interacção, isto é, à tomada de vez de cada um dos intervenientes numa conversa.

Sacks, Schegloff e Jefferson, em 1974, no entender de Arminen (2005), reconheceram que nem todos os sistemas de troca de fala estavam em pé de igualdade, sendo que, nas conversas do dia-a-dia, o sistema de tomada de turnos era genealógica e funcionalmente primordial.

A perspectiva etnometodológica, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (2014, p. 22), trata da "análise conversacional que visa descrever o desenvolvimento das conversas em situação natural", observando-se como os interlocutores recorrem às técnicas institucionalizadas para proceder à gestão de diferentes tarefas que têm de completar, destacando a alternância de turnos, a correcção das eventuais falhas da troca comunicativa, a negociação e a troca eficazes dos temas, entre outros.

Embora a gestão de turnos de fala seja o foco da etnometodologia, que corresponde, segundo Kerbrat-Orecchioni (2014, p. 22), à "análise conversacional *stricto sensu*", é necessário salientar que ela não é universal, pois, como refere Mesthrie et al. (2009, p. 4), existe uma variedade de factores sociais e culturais que afectam a forma como os falantes contribuem para uma interacção, o que significa que os turnos são contextuais e culturais.

### 2.4.4 Abordagem da AD

Discurso, para Orlandi (2005), "é efeito de sentidos entre os interlocutores", sendo, por isso, um lugar em que se pode observar a relação entre a língua e a ideologia, procurando-se compreender como a língua produz sentidos para os sujeitos.

Por seu turno, Fairclough (2001) refere que o discurso é concebido não apenas como reproduzindo entidades e relações sociais, mas também como as constrói de diversas maneiras, cada uma posicionando os sujeitos sociais de diferentes maneiras. Ainda, Foucault, citado em Fairclough (1995, p. 81), define o discurso como sendo "elemento táctico que opera no campo das relações de força…".

Assim, constata-se que o discurso não pode ser visto como um mero aglomerado de textos, mas sim como uma prática. E como toda prática, o discurso é constituído por ideologia, não existindo discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia, o que faz com que o *corpus* em AD

seja sempre provisório, sendo que a delimitação do mesmo não segue critérios empíricos, mas teóricos.

A AD visa, segundo Orlandi (2005, p. 26), "fazer compreender como os objectos simbólicos produzem sentidos (…), ela não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação." Isso significa que a AD trabalha com a possibilidade de outros sentidos, analisando, primeiro, o lugar antes da análise e a posição após a análise, e o sentido das palavras não está exactamente nelas mesmas, devendo-se, por isso, ir além.

A AD trabalha a linguagem enquanto facto e não enquanto dado. Ela procura compreender os relatos em que vários elementos são levados em conta: os interlocutores, o contexto da comunicação e as condições sócio-históricas. Procura ter uma visão sobre o discurso, visando construir um método de compreensão dos sujeitos trabalhados com a linguagem.

Com base no acima exposto, pode-se afirmar que o interesse para o analista de discurso é o "como se fala", detalhe que afectivamente produz efeito nos destinatários do que se diz. Portanto, os detalhes de "como se fala" constituem aspectos importantes a serem utilizados na análise para a avaliação do impacto do poder que, por meio de discurso, se exerce sobre os interlocutores.

#### 2.4.4.1 O discurso e as relações de poder

Segundo Fairclough (1995, p. 34), as relações de poder não são redutíveis às relações de classe. Existem relações de poder entre agrupamentos sociais em instituições, entre mulheres e homens, entre grupos étnicos, entre jovens e velhos, entre dominantes e dominados, que não são específicos a instituições particulares.

Poder, segundo Foucault (2019, pp. 175-176), é uma rede de relações em que os indivíduos se inserem, como geradores ou receptores. O poder está imbricado nos inúmeros vínculos sociais construídos diariamente, como em práticas familiares, profissionais, educacionais, afectivas, entre outras, sendo, por isso, algo que só funciona e se exerce em cadeia, ou seja, o poder materializa-se nas relações. O poder, na óptica do autor, está ligado às práticas sociais que moldam comportamentos, acções e discursos, o que, nas relações quotidianas, concorre para diversas manifestações de poder, com destaque para o poder paterno, o poder religioso, o poder ideológico, o poder económico, o poder burocrático, entre outros.

A ideia de poder como rede de relações é corroborada por Viana (2009, p. 3) ao defini-lo como uma forma de relação social. É uma relação social específica, na qual se defrontam o dominante e o dominado. O dominante exerce o controlo sobre o dominado, utilizando os mais variados recursos, tal como a força física, o dinheiro, o conhecimento, etc. É, igualmente, corroborada por Fairclough (1989, p. 4), que considerada o poder como uma "força passível de mudança, exercida e reproduzida no discurso e nas relações sociais entre os indivíduos".

Para Brown e Gilman (1960, p. 255) e Balsalobre (2017, p. 44), "poder ocorre na relação entre pelo menos duas pessoas e não é recíproco no sentido de que ambos não podem ter poder na mesma área de comportamento", o que significa, por exemplo, que os que têm um maior poder financeiro tendem a controlar a fala em lugares que envolvem esta classe alta. Para o autor, existe contextualmente uma estrutura social que define hierarquias entre indivíduos e que pode ter diferentes bases de acordo com os valores sociais vigentes. Na óptica dos autores, o poder tem várias bases, nomeadamente: força física, riqueza, idade, sexo, papel institucionalizado na igreja, no estado, no exército ou na família.

Assim, a partir das definições acima, constata-se que, na interacção conversacional, poder é tido como sendo a capacidade de moldar o discurso e influenciar o destinatário, motivado por diversos factores sociais como riqueza, idade, sexo, força física, conhecimento, relação de parentesco, entre outros. Ele manifesta-se no uso da língua, por exemplo, com recurso a proxémia, cinésica, gestos, posição do corpo, selecção do léxico, escolha dos AF e das formas de tratamento.

### 2.4.5 Abordagem sócio-interaccional

A abordagem sócio-interaccional, também considerada sócio-pragmática, insere-se na sociologia interaccional, uma área da Sociolinguística que, na óptica de Bortoni (2014), corresponde à vertente tardia da etnografia da comunicação, tendo contado com o contributo de Goffman (1967) e Gumperz (1982), que enfatizaram a natureza sistemática e normalizada das interacções face-a-face.

Para Goffman (1967, pp. 2-5), "as interacções face-a-face não são um caos. Elas são um compromisso e têm alguma ordem que se deve a um contrato social e a um consenso social", ideia corroborada por Langa (2009, p. 18), ao advogar que "sempre existem estruturas cognitivas que intervêm na interlocução". Entretanto, essas estruturas não podem ser assumidas

como únicas e exclusivas para todas as ocasiões de interacção, pois, para Goffman (1967, p. 5) "são incontáveis os padrões e as sequências naturais de comportamento que ocorrem sempre que as pessoas entram na presença imediata umas das outras."

Nas interacções, segundo Gumperz (1982, p. 172), "os acontecimentos comunicativos constituem uma unidade básica de análise, uma vez que são passíveis de análise directa", sendo que neles, um falante faz inferências sobre a intenção comunicativa em qualquer ponto da troca, formulando hipóteses que são confirmadas ou rejeitadas no decorrer da conversa.

Assim, na perspectiva de Bortoni (2014), Goffman (1967) defendeu que a fala é um evento socialmente organizado enquanto um pequeno sistema e avançou com o conceito de *footing* (posicionamento na interacção). Por seu turno, Gumperz (1982) enfatizou a organização estrutural da interacção e classificou-a como constitutiva da realidade social.

A interacção social, de acordo com Grice (1975, pp. 45-46), obedece a princípios de coerência interna, com grande destaque para o de cooperação, que parte da hipótese de que as trocas verbais não são desconexas, mas sim acções tipicamente cooperativas, o que pressupõe que os interlocutores dêem a sua contribuição conversacional conforme o exigido, no estágio em que ocorre, pelo propósito aceite ou direcção de troca da conversa em que se está engajado. O princípio de Grice desdobra-se em quatro (4) máximas conversacionais, que, de acordo com Violi e Manetti (1979) citado em Bortoni (2014, p. 188), "constituem pontos de referência de tipo interpretativo, mas não normas correctas de conversação".

Segundo Grice (1975, p. 47), as máximas conversacionais são: *máxima de quantidade, máxima de qualidade, máxima de relação* e *máxima de modo.* A máxima de quantidade advoga que, na interlocução, não se pode dar um contributo nem a mais, nem a menos do que o exigido para se fazer entender; a máxima de qualidade preconiza que se deve ser verdadeiro e dizer-se apenas o que se pode evidenciar ou comprovar a veracidade. A máxima de relação reza que se deve trazer à conversa informação que seja pertinente e relevante ao contexto em que é produzida, a fim de que seja possível o interlocutor depreender o sentido; e, por último, a máxima de modo, que advoga a necessidade de se ser claro, breve e ordenado, pois quanto mais clara e objectiva for a mensagem, melhor dar-se-á o processo mútuo cooperativo, sendo que a desobediência pode gerar obscuridade, ambiguidade, a prolixidade e a desordem.

A cooperação, segundo Grice (1975, p. 47), "não é um princípio exclusivo à interacção oral", ideia que é corroborada por Michel, Paixão e Vargas (2002, pp. 48-49) ao afirmarem que o

princípio da cooperação "também pode ser aplicado na comunicação escrita e na não-verbal por serem locais onde os intervenientes se encontram, dialogam e interagem".

Nesta perspectiva sócio-interaccional, é necessário que se tenha sempre em consideração o contexto, pois, segundo Bitti e Zani (1997), interfere nos processos de codificação e descodificação, significando que o acto comunicativo não se pode dissociar do contexto, tido, segundo Levinson (2007, pp. 71-72), como um conjunto de índices pragmáticos, coordenadas ou pontos de referências de remetentes, destinatários, tempos e espaços de enunciação, objectos indicados e tudo mais que for necessário.

Abaixo, discutem-se alguns índices pragmáticos envolvidos no acto conversacional e que podem concorrer para o exercício de poder: AF, deixis, polidez da face e a AltC.

#### 2.3.5.1 Actos de fala

Os AF, também designados por actos ilocutórios, segundo Levinson (2007), são acções praticadas através de enunciados produzidos pelos falantes, devendo relacionar-se com as intenções comunicativas, cuja identificação é auxiliada pelas circunstâncias que contornam o acto comunicativo. Os AF são excelentes instrumentos para a identificação e análise das relações de poder entre os interlocutores (Souza, 2009, p. 95), pois incorporam em si representações ideológicas dos sujeitos e das suas relações sociais.

Searle (1975), citado em Wardhaugh e Fuller (2015), propõe, com base no critério objectivo ilocutório, a seguinte classificação dos AF:

a) Representativo ou assertivo, com objectivo de comprometer o locutor com a veracidade da proposição que anuncia;
b) Directivo ou exercitivo, visando levar o alocutário a executar uma acção futura;
c) Cominativo ou compromissivo, cujo objectivo é levar o locutor a exercer uma acção futura;
d) Expressivo, que exprime o estado psicológico;
e) Declarativo, objectivando alterar o estado das coisas descritas.

Embora as relações de poder entre os falantes possam manifestar-se com base nos diferentes AF, segundo Souza (2009, p. 42), os que espelham cabalmente o poder exercido pelos falantes sobre os seus interlocutores são os actos directivos, daí a necessidade do seu aprofundamento, tendo em conta o foco da proposta desta pesquisa.

#### 2.3.5.1.1 Actos de fala directivos

Nos actos directivos, o locutor transmite a vontade ou o desejo de que o alocutário pratique a acção solicitada, determinando as normas de comportamento deste último. Embora seja sempre considerado descortês (Candela, 1999), o acto directivo não se limita à emissão de uma ordem, pois expressa, também, os conselhos ou os pedidos.

Segundo Souza (2009, pp. 43-47), os actos directivos podem ser de resposta física e de resposta verbal. Os primeiros visam levar o alocutário a realizar ou não uma acção física, caracterizando-se pelo facto de espelharem a vontade de que o alocutário pratique uma determinada acção sempre que o locutor ordene, sugira ou aconselhe. Por sua vez, os de resposta verbal são os actos dos quais se espera que o alocutário realize uma acção verbal, ou seja, que responda à questão que lhe seja colocada. Este grupo de actos engloba aqueles de que se espera a realização de um acto verbal por parte do alocutário, isto é, a produção de uma resposta a uma pergunta.

### 2.3.5.2 Deixis

A deixis constitui, segundo Lopes (2018, p. 29), um fenómeno central no funcionamento da linguagem humana. É, de acordo com Levinson (2007, p. 67), "conjunto de expressões verifuncionais que envolvem um elemento de reflexividade à ocorrência", correspondendo, por isso, aos sujeitos falantes e às coordenadas situacionais de tempo e espaço que presidem ao acto de enunciação. Essas expressões funcionam como variáveis que só o contexto situacional permite preencher.

A deixis engloba todas as expressões linguísticas que funcionam como gestos verbais, apontando para indivíduos ou objectos presentes no contexto situacional, ou localizando-os a partir das coordenadas fundamentais do acto de enunciação, ou seja, do acto individual de transformação da língua em discurso, cujas coordenadas fundamentais, na óptica de Levinson (2007, p. 67) e Lopes (2018, p. 30), são o sujeito que fala, a instância de alteridade a quem se dirige, o momento em que se fala e o local em que se desenrola a comunicação; dito de outro modo, as coordenadas constitutivas são *eu, tu, aqui* e *agora*, o que significa que:

i) O ponto central é o falante;
ii) O tempo central é o tempo em que o falante produz o enunciado;
iii) O lugar central é a localização do falante no tempo de enunciação.

iv) O centro de discurso é o ponto em que o falante se encontra presentemente na produção do seu discurso;
v) O centro social é a posição social e o grau de hierarquia dos destinatários/referentes.

O parâmetro fundamental deste processo é o locutor que, ao converter a língua em discurso, se afirma como *eu* e postula automaticamente a existência de um *tu*. É ainda esse acto individual de utilização da língua que cria as noções do *aqui* e do *agora*, isto é, do espaço e do tempo em que o locutor se situa quando fala. Por isso, de acordo com Lopes (2018, p. 30), "é usual mencionar-se a natureza egocêntrica da deixis", sendo que, na situação de conversa, os papéis interlocutivos dos participantes são, naturalmente, mutáveis. Quer isto dizer que o *eu* que, num determinado momento, toma a palavra, assume o papel de *tu*, quando se dá início a um outro turno de fala. Assim sendo, o centro deítico, na situação de diálogo, vai alternando entre os participantes.

Segundo Levinson (2007, p. 77) e Lopes (2018, p. 31), a deixis é tradicionalmente dividida em três categorias centrais, em função da componente do contexto situacional que é activada pelo uso dos deíticos: a deixis pessoal, a deixis temporal e a deixis espacial, às quais se adicionam a deixis de discurso e a DS, sendo esta última categoria a que interessa a este estudo, por ser a que concorre para a manifestação de poder ou solidariedade entre os interlocutores.

#### 2.3.5.2.1 Deixis social

A DS, segundo Matos et al. (2019, p. 280), "diz respeito à relação entre os participantes na interacção", traduzindo-se na escolha das formas que um locutor selecciona para se dirigir ao alocutário.

Para Levinson (1983, p. 89), "a DS envolve aspectos da estrutura da língua que codificam a identidade social dos interlocutores ou a relação social entre eles", o que significa que a informação codificada nos deíticos sociais pode incluir classe social, relação de parentesco, idade, sexo, profissão e, até, grupo étnico.

A DS reflecte a organização social da comunidade no plano institucional (família, escola, sistema jurídico, religioso, militar, sistema de saúde, etc.) e a sua estratificação social em idade, classe, género, profissão, entre outras variáveis, sendo que, na óptica de Lopes (2018, p. 60), para a sua descrição cabal, num determinado momento da sua história, é necessário conhecer os códigos e práticas socialmente legitimados, isto é, as regras de comportamento sócio-

comunicativo que permitem gerir, de forma harmoniosa, as trocas verbais, sem disrupções ao nível das relações interpessoais.

Das definições acima, pode-se entender que a DS se refere aos aspectos da estrutura da língua que codificam a identidade social dos participantes, ou a relação social entre eles, ou entre um deles e as pessoas ou entidades a que se faz referência, reflectindo-se nas formas de tratamento que os interlocutores seleccionam para se dirigir um ao outro ou para fazer menção a um terceiro.

Entretanto, segundo Lopes (2018, pp. 60-61), é consensual que as formas de tratamento revelam, nos dias de hoje, alguma instabilidade causadora de desconforto e insegurança linguística. Essa situação revela a passagem de um sistema de base hierárquica e diferencial para um de base mais igualitária e de envolvimento, que se deve às rápidas transformações sociais, globais e locais, vivenciadas nas últimas décadas. Tais transformações sociais acarretaram, inevitavelmente, mudanças no modo como construímos e expressamos linguisticamente as nossas identidades e papéis simbólicos.

Contudo, no entender de Brown e Gilman (1960, p. 253), as noções de poder e solidariedade são relevantes para uma análise descritiva e explicativa das formas de tratamento em qualquer língua. Os autores consideram que poder e solidariedade são dimensões fulcrais na análise da vida social, e essas duas dimensões podem ser linguisticamente expressas, segundo Lopes (2018:61-69), por elementos **pronominais,** que correspondem aos denominadores genéricos para um pronome familiar *tu (T)* e polido *você (V)* em qualquer língua; elementos **verbais** caracterizados pela tendência para suprimir a forma nominal ou pronominal do sujeito sempre que não se pretende marcá-la enfática ou contrastivamente; e elementos **nominais,** considerados mais informativas do que as formas pronominais, uma vez que comportam uma informação sobre o sexo do interlocutor e, muitas vezes, informação sobre o seu estatuto sócio-profissional, a sua faixa etária e a relação de parentesco que une os interlocutores (os antropónimos, o homem ou a mulher, o menino ou a menina, as expressões de parentesco…).

Assim, de acordo com Wardhaugh e Fuller (2015), as formas de deixis escolhidas, tendo em consideração o contexto em que ocorrem, podem denunciar a solidariedade ou a assimetria de poder, havendo, por essa via, formas que, na interacção, não podem ser usadas por aquele cujo estatuto lhe confere poder ou subordinação.

#### 2.3.5.3 Polidez da face

A questão de polidez da face é relevante quando se analisa a manifestação do poder na interacção. A polidez, segundo Midões (2007/8), surgiu com Goffman em 1955, argumentando que ela ocorre sempre que um locutor procura causar uma imagem positiva ao seu interlocutor, de modo a ser por si aprovado.

Segundo Albarelli (2020, p. 80), existem três finalidades principais para a aplicação das EstCt na interacção: a **finalidade de coesão**, visando estabelecer relações harmoniosas e manter o equilíbrio na interacção com o interlocutor. Trata-se da cortesia utilizada de forma ritualística, comum em situações de agradecimentos e despedidas, onde a intenção é reforçar os laços sociais e evitar ruptura na comunicação; a **finalidade estratégica**, em que a cortesia é utilizada como uma estratégia argumentativa. O falante emprega actos de cortesia para alcançar determinados objectivos durante a interacção, tornando-se uma cortesia estratégica com propósitos específicos; e a **finalidade social**, visando projectar uma imagem positiva do falante, destacando-o como uma pessoa colaborativa e amável. A intenção vai além do próprio acto comunicativo, pois busca criar uma imagem positiva de si mesmo perante os outros.

No âmbito deste estudo, as estratégias que concorrem para a manifestação ou ocultação do poder são as de finalidade de coesão e estratégica. O primeiro grupo porque, embora os interlocutores tenham ambos a obrigatoriedade ética de agradecer, caberá, quase sempre, ao interlocutor de posição inferior fazê-lo com frequência e com tonalidade vocálica específica, como forma de demonstrar a lealdade e submissão ao seu superior hierárquico. O segundo, por sua vez, porque, na interacção, a selecção das diferentes formas linguísticas mostra a tendência que se adopta diante do interlocutor: manter-se na posição superior/inferior, procurar elevar ou manter alguma proximidade, entre outras situações.

Segundo Wardhaugh e Fuller (2015), a polidez da face ocorre fundamentalmente com recurso aos actos ilocutórios indirectos. Midões (2007/8), adicionalmente, indica como sendo recursos para a polidez: o respeito às pré-sequências dialogais, o eufemismo, os diminutivos e alguns tempos verbais – imperfeito do indicativo, condicional e o imperativo acompanhado de forma adverbial “por favor”. Esses recursos, na interacção, são usados pelo interlocutor submisso ou o que, no contexto interaccional, ostenta poder, mas, por alguma razão, procura ocultá-lo.

#### 2.3.5.4 Interlocução e a alternância de códigos

A AltC é, de acordo com Gumperz e Hernández-Chavez (1970), um processo metafórico e social, que pode desempenhar, entre outras, as funções de marcação de identidade étnica, apresentação de citações, preenchimento de um determinado *item* lexical e criação de uma atmosfera de maior privacidade e confidencialidade.

A partir da última função da lista proposta por Gumperz e Hernández-Chavez (1970), fica evidente que a AltC, na interlocução, pode ter como objectivos estabelecer solidariedade ou aumentar autoridade.

A alternância, por um lado, concorre para a solidariedade quando visa marcar e enfatizar a identidade do grupo. Por outro, para aumentar a autoridade quando o objectivo é elevar o *status* do locutor, colocando-o numa posição social diferente e distante da do seu interlocutor.

### 2.5 Quadro teórico

Tendo em consideração o foco deste estudo, o quadro teórico adoptado deve concorrer para explicitar a ocorrência de assimetrias de poder com recurso a elementos linguísticos de natureza pragmática nas interacções quotidianas entre homens e mulheres, em diferentes domínios sociais. Assim, a presente dissertação adopta os pressupostos teóricos da linguística sócio-interaccional de Goffman (1967), Grice (1975) e Gumperz (1982) e da análise do discurso de Fairclough (1989) e Foucault (2019).

A perspectiva sócio-interaccional descreve e analisa como os indivíduos reconstroem suas identidades sociais através do uso da linguagem numa interacção conversacional. Ela, segundo Gumperz (1982), pode ser usada para compreender como os interlocutores exercem relações de poder, projectam e nogociam identidades sociais.

No âmbito da perspectiva sócio-interaccional, Goffman (1967), Grice (1975) e Gumperz (1982) preconizam que uma interacção obedece sempre a princípios de coerência interna, isto é, que as trocas verbais não são desconexas, mas sim acções tipicamente cooperativas. Igualmente, advogam que, numa interacção ou mesmo na sua análise, é necessário que se tenha sempre em consideração o contexto onde ela ocorre, pois auxilia os processos de codificação e descodificação da mensagem.

Assim, à luz da perspectiva sócio-interaccional, na análise de uma interacção, procura-se verificar até que ponto o contexto, enquanto "conhecimento" e "situação", envolvendo, segundo Goffman (1967, p. 1), materiais comportamentais tais como olhares, gestos, posicionamentos e declarações verbais, concorre para a produção ou a compreensão da manifestação de poder.

A perspectiva da análise do discurso que se adopta é a de Fairclough (2001) e Foucault (2019), cuja preocupação é a descrição, interpretação e explicação das práticas de poder, que se manifestam com recurso a elementos linguísticos, com destaque para os de natureza pragmática.

Para Fairclough (2001, p. 58), a AD "cuida do funcionamento do discurso na transformação criativa de ideologias e práticas como também do funcionamento que assegura sua reprodução". A AD considera o processo de constituição sócio-histórico e ideológico do sujeito, relacionando factores ideológicos em que a linguagem e a sociedade se constituem mutuamente.

A AD, segundo Fairclough (1989, pp. 109-163), segue três procedimentos: a *descrição*, que diz respeito às características formais que encontramos num texto específico: o vocabulário, a gramática, a estrutura dos textos; a *interpretação*, que consiste em analisar a superfície do discurso (fonologia, gramática e vocabulário), o significado do discurso (semântica e pragmática), a coerência local (coesão e pragmática) e a estrutura do texto (esquema do texto); por último, a *explicação*, que engloba duas dimensões, sendo que a primeira dimensão considera o discurso como parte de batalhas sociais, e contextualiza-o em termos das limitações não discursivas, e os efeitos dessas batalhas nas estruturas, o que enfatiza o efeito social do discurso, criatividade e o futuro. A segunda, por seu turno, mostra como o poder pode determinar as relações discursivas.

Importa salientar que o presente estudo adopta a perspectiva de AD porque verifica como a linguagem concorre para a manifestação do poder, cujos mecanismos para o seu exercício são, segundo Fairclough (1989) e Foucault (2019), intrínsecas a todas as relações, que são circularmente o efeito e a causa delas, passando, por isso, o termo "poder" a designar um campo de relações que tem de ser analisado por inteiro.

De forma particular, o estudo adopta a dimensão da prática discursiva de Fairclough (1989) que corresponde a uma tradição interpretativa ou microssociológica de levar em conta a prática

social como algo que as pessoas adoptam na interlocução, o que conduziu às categorias pragmáticas de análise, designadamente: os AF, a DS, as EstCt e a AltC.

A perspectiva sócio-interaccional e a de análise do discurso interligam-se na medida em que a primeira estuda os elementos concretos de uma interacção, que são maioritariamente de natureza pragmática (atitudes, comportamentos, actos discursivos, deixis, gestos, hábitos, entre outros), com o intuito de verificar como é que concorrem para a produção e/ou compreensão da mensagem. A análise do discurso, por seu turno, preocupa-se com o poder, cuja manifestação, na interacção, é com recurso aos elementos pragmáticos.

Portanto, o estudo adopta os pressupostos teóricos sócio-interaccionais e da AD. O quadro teórico possibilitou a definição das categorias de análise das conversas de diferentes domínios em Xificundri, a saber: os AF, a DS, as EstCt e a AltC. Igualmente, possibilitou a definição do método de análise dos dados.

# 3. Metodologia

## 3.1. Natureza do estudo

O presente estudo é de natureza qualitativa que, segundo Oliveira (2015), constitui uma reflexão da realidade conducente à compreensão detalhada do objecto de estudo. No caso vertente, a escolha da pesquisa qualitativa prende-se com o facto de ela permitir trabalhar com dados de natureza diversificada, recolhidos em cenário natural, possibilitando uma interpretação de significados individuais.

## 3.2. Região e período de estudo

Em qualquer pesquisa, é importante mostrar, por exemplo, o local de realização da pesquisa, razão pela qual, nesta secção, se procede à descrição da região e do horizonte temporal do estudo.

### 3.2.1 Região de estudo

Xificundri é um dos bairros da localidade de Galunde, distrito de Marracuene, Província de Maputo. Tem como limites o bairro Cote a norte e o 3.º bairro de Eduardo Mondlane a este. Separa-se de Machubo através do rio Incomati.

O bairro de Xificundri tem um total de 2472 habitantes, sendo 1114 do sexo masculino e 1358 do sexo masculino (dados fornecidos no Posto Administrativo de Bobole). A população tem como línguas o português e ronga, sendo esta última a de comunicação mais ampla. O bairro conta com apenas uma escola primária.

A base da economia do bairro é a agricultura. As principais culturas alimentares e de rendimento são as hortícolas, o arroz, o milho, a mandioca e a batata-doce. As explorações agrícolas são maioritariamente familiares, feitas com recurso à tracção animal, ao regadio por gravidade e moto-bombas, para além do uso da enxada de cabo curto.

A escolha do local decorreu do facto de, sendo as relações de poder motivadas, segundo Madureira e Trentini (2008, p. 2), pela “polaridade de papéis e características tradicionalmente atribuídas a cada um dos géneros”, Xificundri pertencer a um distrito próximo à cidade de Maputo, mas que a sua comunidade conserva, de algum modo, seus valores culturais, o que concorre para a preservação de práticas sociolinguísticas típicas, tendo o ronga como principal meio de comunicação.

O trabalho de campo centrou-se em quatro (4) domínios sociais referentes às interacções humanas, relacionamentos e estruturas sociais, a saber:

a) **Religioso**, englobando, para o caso vertente deste estudo, as igrejas cristãs existentes no local. Os crentes são homens e mulheres de todas as idades. Os cultos realizam-se aos fins-de-semana e às quartas-feiras.

b) **Laboral**, que diz respeito ao trabalho, destacando-se, no caso da região de Xificundri, a actividade agrícola, praticada de forma individual ou em grupo. A colheita serve para a alimentação e comercialização. Também, é referente ao trabalho administrativo das estruturas locais que garantem o cumprimento da legalidade e ajudam os residentes a resolver diferentes conflitos.

c) **Familiar**, referente ao conjunto de pessoas que partilham o mesmo espaço e estabelecem entre si diferentes tipos de laços de casamento, parentesco, afinidade ou adopção.

d) **Entretenimento**, envolvendo maioritariamente jovens, em locais de lazer existentes no bairro, com destaque para as barracas, no período nocturno.

### 3.2.2 Período do estudo

A recolha de dados foi em sete (7) meses interpolados por conta das cheias que, nos meses de Abril e Maio, assolaram o local. Para as gravações de conversas e entrevistas, realizaram-se 13 viagens, conforme a tabela abaixo:

**Tabela 1** Período de estudo no campo e actividades desencadeadas

| Mês | Actividade – domínio | Quantidade de viagens |
|---|---|---|
| Dezembro de 2022 | Viagem de reconhecimento (não bem sucedida por conta da intransitabilidade da via.) | 1 |
| Fevereiro de 2023 | Contacto com as estruturas locais (chefe das terras) | 1 |
| Março de 2023 | Gravações – DR | 2 |
| Junho de 2023 | Gravações – DL (campos de cultivo e estruturas do bairro) | 2 |
| Julho de 2023 | Gravações – DE | 3 |
| Agosto de 2023 | Gravações – DF | 2 |
| Setembro de 2023 | Entrevistas, despedidas e agradecimentos | 1 |

**Fonte**: autor

Durante esse período da realização do estudo no campo, o contacto com as pessoas foi possível graças ao apoio dos líderes locais que sensibilizaram a comunidade e ajudaram o pesquisador e o seu ajudante[2] a estarem presentes em domínios escolhidos.

No DR, o pesquisador e o seu ajudante de campo participaram em cultos e nas actividades subsequentes (ex.: arrumação de blocos), enquanto captavam as conversas. No laboral, o contacto foi no fim das sessões de cultivo, onde o pesquisador e o seu ajudante também tiveram de cultivar a terra, e nas sessões de trabalho na casa do chefe do bairro.

No DE, o contacto foi nos sítios de lazer existentes no bairro, no período nocturno. Nesses locais, o contacto foi possível envolvendo-se nos grupos de "bebedeiras" e brincadeiras. Por último, no DF, o chefe de terras sensibilizou as famílias, de seguida passou ao pesquisador uma lista de 17 famílias, das quais se elegeram as posicionadas nos múltiplos de 4. Uma vez identificadas as famílias, o pesquisador e o seu ajudante de campo organizaram mantimentos e visitaram-nas, ou durante uma parte do dia ou durante todo o dia, isto é, das 9h às 18h, participando nas actividades de casa com os titulares.

### 3.3 População e amostragem

A população do estudo são homens e mulheres adultos de Xificundri, determinados pelas suas características físicas. Escolheram-se pessoas adultas por se acreditar que elas agem em consciência e são responsáveis pelas suas acções e actos verbais.

A amostra do estudo é de 30 pessoas. Destas, 27, sendo 14 homens e 13 mulheres, foram envolvidas nas oito (8) conversas seleccionadas para o estudo, e as restantes três (3), uma mulher e dois (2) homens, nas entrevistas. A descrição sócio-demográfica das fontes consta do apêndice 1.

A escolha da amostra teve duas dimensões: (i) aleatória em relação aos 27 elementos da população, o que possibilitou que qualquer residente pudesse fazer parte do estudo; e (ii) intencional no tocante aos entrevistados, pois visava encontrar indivíduos adultos e que fossem guardiões da tradição e com autoridade para intervir quando se verifica algum procedimento contrário à prática comum.

[2] Amigo e primo que, por ser residente em Marracuene e fluente em ronga, gratuitamente, acompanhou o investigador durante as actividades do campo, ajudando-o, sempre que se mostrasse necessário, na socialização com os fenómenos culturais autóctones e na interacção com as fontes.

### 3.4 Técnicas de recolha de dados

Para a materialização do presente estudo, recorreu-se às seguintes técnicas de recolha de dados:

- **Observação directa**

A técnica de observação directa consistiu no envolvimento do pesquisador, sempre que se mostrou necessário e relevante para a pesquisa, simulando, por exemplo, ser parte integrante dos crentes na Igreja e do grupo de trabalho na machamba, em conversas, com o intuito de captar qualquer comportamento, que, numa conversa, concorra para o exercício de poder com recurso a elementos multimodais, em contexto natural de interacção, especificamente entre pessoas de géneros diferentes.

Como estratégia para a minimização do paradoxo do observador, conversou-se, antes, com as pessoas individualmente ou com o responsável do grupo, pedindo-lhes para estar ao seu lado de modo a captar e gravar as conversas. Entretanto, reconhecendo-se que a simples presença do pesquisador podia embaraçar, de alguma forma, o processo natural de interacção, adoptou-se a estratégia da simplificação da aparência, sobretudo no tocante à vestimenta.

- **Gravação e transcrição de conversas**

Para as gravações das conversas quotidianas entre interlocutores de géneros diferentes, recorreu-se ao aplicativo "*sound recorde*r" (cf. a imagem abaixo) do *smartphone*. De seguida, as conversas gravadas foram analisadas para seleccionar e constituir um *corpus* de oito (8) conversas, envolvendo 27 interlocutores directos. O processo de constituição do *corpus* teve como principal critério a qualidade de som dos áudios captados, no sentido de permitir uma transcrição que se aproxime ao discurso oral com rigor necessário.

A transcrição, segundo Marcuschi (2003, p. 9), "não existe boa ou má, mas deve ser limpa e legível, em função dos objectivos definidos na pesquisa". Assim, para o presente trabalho, a transcrição (cf. Apêndice 3) foi manual.

- **Entrevista**

As entrevistas, conduzidas com recurso ao guião do apêndice 2, foram aplicadas a alguns residentes de Xificundri, com o intuito de compreender as particularidades decorrentes de usos diferenciados de elementos linguísticos e não linguísticos num acto conversacional entre homens e mulheres adultos. Elas tiveram lugar em momentos separados, nas residências dos

visados. As entrevistas foram em ronga, as respostas registadas num papel e simultaneamente gravadas.

Figura 2: *sound recorder* do telemóvel – instrumento usado nas gravações

Fonte: *Screenshot* do ecrã do telemóvel

### 3.5 Técnica de análise de dados

Os textos conversacionais que constituem o *corpus* do trabalho resultaram de uma transcrição manual, sendo que cada turno contém a respectiva glosa correspondente à tradução livre, com o objectivo de transmitir uma ideia próxima a dos textos em ronga. Em relação às entrevistas, o registo das respostas recorreu, também, à tradução livre, em função do essencial da informação do discurso do entrevistado.

Tendo em consideração a natureza dos dados e o objectivo do estudo, que é compreender como o poder se exerce através dos elementos linguísticos de natureza pragmática, adoptou-se a análise temática, tendo em consideração a perspectiva tridimensional de Fairclough (1998), especificamente a dimensão da prática discursiva que corresponde à dimensão analítica da interpretação.

A tradição interpretativa ou microssociológica considera a prática social como algo que as pessoas adoptam na interlocução, o que, no caso vertente deste estudo, em conjugação com os

pressupostos teóricos sócio-interaccionais, possibilitou, como já se fez menção no capítulo anterior, a definição de categorias para a análise da manifestação do poder na interacção entre homens e mulheres, designadamente os AF, a DS, as EstCt e a AltC.

### 3.6 Considerações éticas

Na presente pesquisa, a busca e o tratamento de dados empíricos tomaram em consideração os princípios éticos da autonomia, confidencialidade e protecção de dados pessoais, que abaixo se descrevem.

O princípio da autonomia determina, segundo o n.º 1 do código de Nuremberg, que "ninguém deve ser forçado a algo que não queira", pelo que todos os abrangidos aceitaram, livremente, fazer parte do estudo. Para salvaguardar o princípio de autonomia, o pesquisador, ao aproximar-se dos sujeitos de pesquisa, explicou o objectivo, o método, a finalidade, os benefícios e os riscos da pesquisa. Depois disso, perguntou-se sobre a disponibilidade para participar na pesquisa. Só perante a aceitação de cada um, foi possível a participação na pesquisa.

Em relação à confidencialidade, o n.º 10 da Declaração de Helsinque, estabelece que é dever do pesquisador garantir a privacidade das fontes. Assim, para garantir a confidencialidade, as entrevistas foram feitas em lugares fechados e de acesso restrito, em que só o pesquisador e o sujeito participante na pesquisa podiam ter acesso à informação. Em relação às conversas, como deviam ser captadas em lugar natural, o que se fez foi não partilhar o conteúdo das mesmas com terceiros.

Para garantir a Protecção de dados pessoais, as conversas e as entrevistas foram transcritas pelo pesquisador e nenhuma terceira pessoa teve acesso. Os áudios das gravações estão guardadas num lugar que só o pesquisador tem acesso. Na dissertação, os informantes são codificados de modo a anonimizar a sua identidade. A codificação dos intervenientes tem em conta o domínio (ex.: DL = DL); a ordenação das conversas com recurso à numeração árabe (ex.: DL1); o sexo do interlocultor (Ex.: DL1M ou DL1H); por último, a letra inicial do nome (ex.: DL1MC). A codificação dos entrevistados, por seu turno, teve em conta a entrevista (ex.: E), o género (ex.: EM) e as letras iniciais dos seus nomes (ex.: EMCT). As gravações das conversas e das entrevistas serão apagadas de todos os aparelhos depois da submissão da versão final da dissertação.

## 4. Apresentação e análise de dados

O presente capítulo procede à apresentação e análise de dados, visando compreender como os interlocutores, em diferentes domínios sociais no bairro de Xificundri, exercem relações de poder na interlocução. Para o efeito, recorre-se, como se fez menção no quadro teórico, aos pressupostos teóricos da linguística sócio-interaccional de Goffman (1967), Grice (1975) e Gumperz (1982), e da dimensão da prática discursiva de Fairclough (1989), procurando verificar até que ponto as declarações verbais, especificamente os AF, a DS, a AltC e as EstCt concorrem para a manifestação ou a ocultação de poder.

A apresentação e a análise têm em conta os objectivos e as perguntas de pesquisas, estabelecendo-se a articulação com a revisão de literatura. Elas organizam-se em quatro partes. A primeira analisa o exercício de poder com recurso aos elementos linguísticos de natureza pragmática; a segunda procura verificar a relação entre as escolhas linguísticas e os papéis sociais; a terceira descreve a percepção dos residentes em relação ao exercício de poder na interlocução; e a quarta compara as estratégias que ocorrem em diferentes domínios.

### 4.1 Elementos linguístico-pragmáticos no exercício de poder

Em função dos objectivos do estudo e das escolhas teóricas, a linguística sócio-interaccional de Goffman (1967), Grice (1975) e Gumperz (1982) e a AD, especificamente a dimensão da prática discursiva de Fairclough (1989), faz-se abaixo, com base nos *corpora* contantes do apêndice 3, a análise da ocorrência de elementos linguístico-pragmáticos que, na interlocução entre homens e mulheres, em diferentes domínios sociais de Xificundri, concorrem para o exercício do poder.

#### 4.1.1 Elementos linguístico-pragmáticos no DL

Neste domínio (cf. as conversas 1 e 2 do apêndice 3), trabalhou-se ao nível dos campos de produção agrícola e da resolução de conflitos pelas estruturas locais, tendo-se verificado que, para o exercício ou a ocultação de poder, ocorrem os seguintes elementos linguísticos de natureza pragmática: os actos ilocutórios directivos directos e indirectos, as formas de deixis pronominal-numeral e nominal, as EstCt e a AltC.

**C - 1**

A C - 1 foi captada depois da actividade de desbravamento de campo de produção de uma associação agrícola de Xificundri, constituída por homens e mulheres de idade compreendida

entre 40 e 50 anos. As mulheres estavam em número bastante elevado, quando comparado com o de homens filiados.

A conversa inicia com uma saudação (turno 1), que corresponde, na óptica de Albarelli (2020) e Midões (2007/8), a uma estratégia de cortesia. O turno não é devidamente correspondido pelos interlocutores, especificamente por parte de um grupo de mulheres. Essa situação dá lugar ao turno 2, no qual DL1HP**,** apercebendo-se do cenário, chama atenção às mulheres que se encontravam a conversar e pede-lhes que escutem: *...n'wine vabidzri, hikombela kuva miyingiseta* (…vocês duas aí, pedimos que oiçam).

No turno 4, DL1HJ volta a aplicar a estratégia de cortesia, saudando novamente os associados: *Bzixile vamamana…; bzixile vatatana!* (Bom dia, mães…! Bom dia, pais…!). Verifica-se que, nas primeiras duas intervenções de DL1HJ, as formas de tratamento seleccionadas (DS) são: *vamamanooo, vatatanooo, vamamana, vapsele (*mães, pais), aceitáveis no contexto da actividade da associação.

Com base nessas formas de tratamento, pode-se deduzir que DL1HJ, tanto no turno 1, assim como no turno 4, recorre, na perspectiva[3] de Wardhaugh e Fuller (2015) e Midões (2008), à estratégia de ocultação de poder (polidez da face), saudando os seus subordinados, mas também com base na tonalidade alongada e repetição da saudação, pode-se deduzir haver alguma resistência ao poder por parte de algumas associadas.

No turno 2, DL1HP recorre à deixis numérica e social, *n'wine vabidzri* (vocês duas), para se dirigir às duas mulheres que continuavam a conversar. Essa expressão, diferentemente das formas escolhidas por DL1HJ, mostra que DL1HP procura chamar o poder para si, conseguindo, por essa via, fazer calar as mulheres.

Relativamente aos AF, na conversa 1, encontram-se enunciados que remetem ao exercício de poder no turno, *...hikombela kuva miyingiseta…* (pedimos que oiçam…), em que, apesar da expressão que concorre para a polidez da face: *...hikombela* (pedimos), o acto subjacente é o directivo, cujo objectivo é levar as mulheres a executar uma acção futura, que é se calarem.

Também ocorre o exercício de poder no turno 3 de DL1MC, *Lava hitavatekela ndzrima lava* (Vamos arrancar-lhes o trabalho), que, apesar de não corresponder a um acto directivo, o seu

[3] As EstCt são usadas pelo interlocutor submisso ou o que por aquele que, no contexto interaccional, ostenta poder, mas oculta-o.

conteúdo só pode ser proferido por quem tem poder de agir sobre o outro, levando o alocutário a executar uma acção futura, no caso, deixar de perturbar a alocução dos outros. Esta ocorrência valida a ideia de Souza (2009, p. 42), segundo a qual "o exercício de poder pode ser com recurso a qualquer acto de fala".

Verifica-se, ainda, o exercício de poder nos turnos de fala: DL1HJ, turno 6, *…wene ukalaka ungatizri utahuma la mansin'wini…* (quem não vier trabalhar será expulso da sua machamba), que apesar de assertivo, o seu conteúdo leva a uma acção futura: mudança de comportamento; a alocução de DL1HP, turno 7, *…hifanela kukhanela lesvi svihonekaka ka ntizru wezru… (*temos de dizer o que se está a estragar no nosso trabalho…) e de DL1HJ, turno 8, *Hakumana vapsele?* (Entendemo-nos, pais?) são actos directivos, sendo o primeiro de resposta física e o segundo, verbal.

Dos dados acima, constata-se que o poder, embora em alguns momentos do curso da conversa haja alguma resistência, é decorrente da posição social dos intervenientes na interacção, o que consubstancia a ideia de que "são as posições sociais que falam, não necessariamente os indivíduos como tal" (Orlandi, 2015, p. 47). Verifica-se, igualmente, que o género não é preponderante para o exercício de poder nas interacções laborais, daí que DL1MC intervém na conversa com um acto ilocutório que, mesmo não sendo directivo, insere em si o exercício de poder, o que contraria, de alguma forma, a ideia de que "o poder, entre os tsongas, é exercido pelos homens" avançada por Langa (2010), Manjante (2010) e Mandamule (2016).

**C - 2**

A C - 2 foi captada na interacção entre 3 interlocutores de idade entre 50 e 60 anos, sendo duas mulheres (DL2MM e DL2MK) e um homem (DL2HP), que é secretário do bairro. A situação comunicativa é em torno de uma intimação que deve ser entregue a um terceiro pelas interlocutoras, mas que, por alguma razão, julgaram purdente comunicar o assunto ao chefe local para tomar conhecimento.

O objectivo informacional é notório no primeiro turno, um acto ilocutório assertivo *"…vate kufanele alihini hikhanela nayene, akuva himunyiketa a papila"* (…disseram que devemos ser nós a falar com ele para lhe entregar a intimação), produzido por DL2MM, no discurso indirecto, procurando mostrar que ela e a sua companheira não agem ao acaso, mas em conformidade com a instrução que tiveram de alguma autoridade que, supostamente, não é da área em que a conversa ocorre ou é superior ao que é apresentado o problema, não havendo,

por isso, possibilidade de o alocutário alterar o procedimento já acordado, o de serem as duas mulheres a levar a intimação ao destinatário.

No turno 2, DL2HP revindica o poder com recurso à tentativa de se colocar, naquela situação, como sendo o conhecedor dos procedimentos *"Amusvitivi…"* (Não sabem…) e de recordar às suas interlocutoras que ele é detentor de poder institucional e conhecedor dos procedimentos em relação às intimações *"hine hi awutoridade, a papila dribuya la"* (…nós somos autoridade, a intimação vem para aqui), tentando, por essa via, contrariar o discurso inicial das mulheres que, citando uma autoridade, levavam a intimação ao intimado.

DL2MM e DL2MK, no turno 3, continuam a revindicar o direito de serem elas a levar a intimação ao intimado, indicando, de forma clara, a autoridade (a pessoa) que lhes tinha dado a orientação e que, inclusive, se tinha falado com o intimado "*DL2HMand avutise DL2HAug svaku angayanga a Marracuene hi mhaka muni."* (DL2HMand perguntou a DL2HAug sobre o razão de não ter ido a Marracuene.), o que é, prontamente, rebatido por DL2HP, sob alegação de a autoridade citada não fazer parte daquela área de jurisdição *"DL2HMand, esse território não é dele…"* (O território é meu, não de DL2HMand…), classificando, por isso, aquela acção como ilegal *"…famba, mas é uma coisa ilegal mesmo.* (…vá, mas saiba que é ilegal.)*"*, ficando, uma vez mais, a tentativa de exercício de poder por parte deste interveniente, com recurso à produção de acto ilocutório directivo, AltC, que, segundo Gumperz e Hernández-Chavez (1970), pode ter como objectivo elevar o *status*. Produz, igualmente, um acto assertivo, informando sobre a ilegalidade do acto, na tentativa de mudar a pretensão das mulheres.

No turno 6, DL2HP volta a tentar chamar o poder a si, reiterando que, por regra, deve ter conhecimento de tudo o que sucede no bairro, independentemente de existir ou não uma relação de familiaridade. Para esse intento, ele produz um acto ilocutório assertivo, com AltC "*Mine, não pode haver conflito, ningasvitive svaku kunivanhu vatrikanaka a mugangene, não é isso, ningasvitivi…*" ('Tenho de estar a par de todos os problemas que ocorrem aqui, independentemente de ser ou não meu familiar). Entretanto, as mulheres mostram-se determinantes em cumprir a instrução dada por DL2HMand, resistindo, por essa via, ao poder. Elas até admitem que o seu interlocutor tem razão no que diz *"Hisvoni…"* (Está bem…), mas preferem fazer vingar a orientação inicial *"…kambe yahaya kohala"* (…, mas vamos para lá).

No turno 8, DL2HP emite um acto ilocutório directivo, visando fazer com que as mulheres se ponham em marcha para cumprirem o seu intento, com uma força ilocutória intensa, marcada

pela repetição *"Fambani, fambani…"* (Vão, vão…). O turno é completado por um acto ilocutório directivo indirecto *"…kambe hisvawu kanganyise isso"* (…, mas isso é aldrabice), última tentativa de fazer com que as suas interlocutoras desistissem de entregar pessoalmente a notificação ao visado. Entretanto, elas, simplesmente, dizem sim, acenando a cabeça e tomam o seu rumo.

Da conversa e da respectiva interpretação, verifica-se que DL2HP, na sua alocução, procura exercer o poder com recurso a actos ilocutórios directivos directos, indirectos, o que valida a ideia de Souza (2009, p. 42), segundo a qual "os actos directivos são os que espelham cabalmente o poder exercido pelos falantes sobre os seus interlocutores".

Verifica-se, igualmente, a AltC (português e ronga) que consubstancia a ideia de aumento da autoridade, elevando *o status* do locutor, conforme a proposta de Gumperz e Hernández-Chavez (1970). Devido à resistência por parte das interlocutoras, DL2HP recorre, também, ao poder institucional que lhe é conferido por lei, enquanto secretário do bairro, entretanto, as suas interlocutoras, embora, em grande medida, as suas intervenções sejam respostas mínimas, põem em causa o seu poder, citando um discurso de uma autoridade da sua confiança.

### 4.1.2 Elementos linguístico-pragmáticos no DR

No DR, as conversas foram captadas no final de cultos, momento em que, geralmente, os crentes dialogam sobre diferentes assuntos da congregação e da sua vida. Os dados (cf. as conversas 3 e 4 do apêndice 3) mostram que os elementos linguísticos de natureza pragmática frequentes são os actos ilocutórios directivos directos, as formas de deixis nominal, por vezes acrescida pelos cargos exercidos na igreja, e as EstCt.

## C - 3

A C - 3 foi captada numa igreja "*zione*", localizada em Xificundri, num culto de meio de semana, quarta-feira, dia em que, segundo a explicação de um dos líderes espirituais da mesma, pessoas de diferentes zonas dirigem-se àquela igreja, tida como sede, para buscar apoio espiritual. A captação de conversas teve lugar no fim do culto, quando pessoas, de idade entre 40-50 anos, conversavam em grupos.

O primeiro segmento do turno 1, *Nhlikanhi, papayi*! (Boa tarde, pai!) é uma saudação de DR1MC, na óptica de Albarelli (2020) e Midões (2008), acto de cortesia, dirigindo-se ao

DR1HA. A saudação não teve correspondência, o que, à partida, mostra haver assimetria de poder acentuada entre os interlocutores.

O segundo segmento do turno corresponde a um acto ilocutório directivo, *Aninavela a kuyingela a nfambu wa sonto* (Gostava de saber o programa do domingo), pois exige uma acção futura por parte do interlocutor. Entretanto, nele verifica-se o uso de uma forma verbal que, para Midões (2008), remete à polidez da fala, significando que DR1MC está a dirigir-se a um interlocutor hierarquicamente superior, situação consubstanciada pelo facto de a sua saudação não ter tido correspondência. Isso valida a conclusão de Balsalobre (2017), segundo a qual os homens moçambicanos iniciam a alocução indo directo ao assunto.

A partir do turno 2, DR1HA praticamente fala sozinho com recurso a turnos longos, e DR1MC limita-se a respostas mínimas, "*him*" (Sim), "*Hisvoni*" (Está bem), entre outras. Essa monopolização de palavra valida, também, a ideia de que há assimetria elevada entre os interlocutores de géneros diferentes (Balsalobre, 2017), podendo estar associada à posição que ocupa na igreja e ao conhecimento que tem sobre o assunto da conversa.

Os turnos produzidos por DR1MC inserem AF expressivos: *Nhlikanhi, papayi!* (Boa tarde, pai!), directivos, mas com recurso à polidez da face: *Aninavhela a kuyingela a nfambu wa sonto* (Gostaria de saber sobre o programa do domingo.) e assertivo: "*Him*" (Sim), "*Hiswoni*" (Está bem), não havendo nenhum que remeta ao exercício de poder. Por sua vez, os actos produzidos por DR1HA são assertivos, contendo informações longas e detalhadas (cf. a conversa 3 dos corpora); e directivos, em que dá instruções à sua interlocutora para executar uma acção verbal ou física. Tanto os actos assertivos como os directivos concorrem para o exercício de poder, validando a ideia de que, embora o acto directivo seja o que mais concorre para o exercício de poder, todos os restantes também o podem fazer (Souza, 2009), dependendo das circunstâncias em que são produzidos.

### C - 4

A C - 4 teve lugar depois de um culto dominical numa igreja, também localizada em Xificundri. Ela envolve dois interlocutores, ambos adultos de, aparentemente, 45-50 anos. A interacção decorre da missão incumbida à DR2MB pelo secretário da congregação DR2HN, em que ela devia presidir uma sessão de rezas em casa de uma correligionária.

No turno 1, DR2MB dirige-se ao seu interlocutor, saudando-o, o que equivale ao acto ilocutório expressivo e estratégia de cortesia: *Bzixile, papayi sekeretariyu!* (Bom dia, Sr. Secretário!). Na sua alocução, ocorre a DS nominal *papayi* (senhor) acrescida da função *sekeretariyu* (secretário) que o interlocutor exerce na igreja, para marcar um afastamento entre os interlocutores, deixando DR2HN numa posição de poder. O mesmo não sucede no turno 2, uma vez que DR2HN não recorre à DS para se dirigir à DR2MB. Ele apenas procura saber como é que a sua interlocutora está depois de a saudar: *Bzixile! Moyini?* (Bom dia! Como estão?), que corresponde aos actos expressivo (cortesia) e directivo, respectivamente.

Nos dois turnos acima descritos, fica evidente que a mulher se coloca numa posição inferior em relação ao homem, chamando-o de *senhor*, acrescido pelo cargo: *secretário*. DR2HN, por seu turno, na sua alocução, evita usar a DS para se dirigir à DR2MB, o que valida a ideia de que, na região em estudo, o poder é exercido pelos homens (Langa, 2010; Manjate, 2010; e Mandamule, 2016) e deixa evidente as assimetrias de poder com recurso a escolhas linguísticas.

O turno 3 contém três AF: assertivo, em que DR2MB informa DR2HN sobre o seu estado de saúde, "*Hikone*" (Estamos bem); expressivo, "*khanimambu*!" (Obrigado!); e directivo, *"Ningo m'wine?"* (E vocês?), visando levar o interlocutor a fornecer dados sobre o seu estado de saúde. O turno quarto, por sua vez, insere dois actos: assertivo e expressivo. No primeiro, DR2HN informa sobre o seu estado de saúde, *Nahine hikone* (Também estamos bem); e no segundo, agradece a saudação da sua interlocutora, *...khanimambu!* (Obrigado!)

O quinto turno é assertivo. Nele, DR2MB informa o seu interlocutor sobre a sua indisponibilidade em relação à missão de presidir as orações, anunciada no fim do culto dominical, *Ka lesvi muni zrumeke, aninavela kuhlaya svakuningetesvikota* (Gostava de informar que não conseguirei cumprir a tarefa que me incumbiram.). Para o efeito, ela recorre à estratégia de cortesia, uso de pretérito imperfeito – *aninavela* (gostava), para se dirigir ao interlocutor, o que retoma a ideia de que o poder nesta interacção é exercido por DR2HN.

No turno seis, ocorrem dois actos ilocutórios: o assertivo, em que DR2HN informa sobre o seu posicionamento em relação à indisponibilidade de DR2MB para dirigir as orações, *"Hisvoni, svilungile.*" (Está bem.); e o directivo, no qual o homem insta DR2MB a chamar uma mulher para ir ao seu encontro, *"Bzela mamana DRMAng svakunamuvitana"* (Diga à sr.ª DRMAng que a chamo.). O primeiro segmento mostra uma certa despreocupação em relação à indisponibilidade de DR2MB; o segundo, por sua vez, o exercício de poder. O último turno

insere um acto assertivo e expressivo, em que DR2MB mostra o seu posicionamento em relação ao turno anterior, agradece e informa que executará a instrução dada pelo seu interlocutor, "*Hisvoni, papayi. Khanimambu, nitamubzela*" (Está bem, senhor. Obrigado! Vou informá-la).

Da análise da C - 4, constata-se que DR2MB não executa actos que remetam ao exercício de poder. Ela recorre a actos assertivos, expressivos e às EstCt sugeridas por Albarelli (2020), Wardhaugh e Fuller (2015) e Midões (2007/8). Também recorre à DS para se dirigir ao interlocutor. DR2HN, por seu turno, executa actos expressivos, assertivos e directivos, sendo estes últimos os que remetem ao exercício de poder (Souza, 2009) sobre DR2MB, acrescidos ao facto de não usar EstCt e a DS.

### 4.1.3 Elementos linguístico-pragmáticos no DF

Neste domínio, as conversas foram captadas nas casas seleccionadas, durante a execução de actividades domésticas, conforme descrito no capítulo sobre a metodologia. Os dados (cf. conversas 5 e 6 do apêndice 3) mostram a frequente ocorrência dos actos directivos indirectos, da deixis nominal típica do meio familiar moçambicano e das EstCt com recurso a deixis, construções modalizadas, perguntas directas com modalizadores de discurso.

**C - 5**

A C - 5 foi captada numa casa, especificamente num espaço em que habitualmente os membros da família se sentam para conversar ou resolver seus problemas. A conversa envolve quatro interlocutores de mais ou menos 35-40 anos de idade, dos quais uma mulher, com a particularidade de ser mais velha que os restantes interlocutores da conversa.

No turno 1 da C - 5, ocorre a DS – forma de tratamento nominal – *"manu"* (mano), que, modo geral, se usa quando um interlocutor se quer dirigir a um outro relativamente mais velho ou a um desconhecido. Entretanto, entre os tsongas, como Langa (2010), Manjate (2010) e Mandamule (2016) afirmam, o poder, desde cedo, é atribuído ao homem, de tal sorte que DF1MP, mesmo sendo mais velha em idade, trata DF1HJ por "*manu"* (mano), *"Manu, buya utsrama halenu"* (Mano, venha sentar-se cá.), colocando-se, por essa via, numa posição relativamente inferior ou de respeito em relação ao alocutário.

No turno 2, resposta ao turno 1, o interlocutor DF1HJ não usa DS para se dirigir à DF1MP, o que corrobora com a tese de que, entre os tsongas, o poder é masculino, sobretudo quando se

caminha em direcção à fase adulta, fase em que se materializam os ensinamentos de diferença e de superioridade incutidos nos homens, segundo Langa (2010), ao longo da infância.

No turno 5, embora aparentemente seja informativo, ocorre um acto directivo, *Mundzruku nijula mabota yanga…* (Amanhã precisarei das minhas botas...), tencionando fazer com que o destinatário, no futuro, lhe entregue as botas. Está-se, portanto, perante um acto ilocutório directivo indirecto, que, segundo Midões (2007/8), constitui uma estratégia de cortesia, diminuindo a distância existente entre os interlocutores. Dito de outro modo, oculta o poder do locutor e diminui o impacto agressivo que um acto directivo directo causaria.

Ainda que, à partida, pareça assertivo, o turno 7 é um acto directivo indirecto, *"Mini nijula kuyakuvona.*" (Eu quero ir ver), pois requer dos destinatários uma acção futura, que é levar o locutor ao lugar desejado, no caso, à machamba. O acto oculta poder, mas é evidente que exige uma resposta física. Por sua vez, o turno 8 é acto directivo directo (pergunta directa), exigindo uma resposta verbal, que se encontra no turno 9, "*Hitafamba, manu…*" (Iremos, mano…), com a DS *"manu"*, colocando, uma vez mais, DF1MP numa posição inferior ao interlocutor, mesmo sendo este, também, mais novo em idade.

Da análise da conversa, fica evidente que o poder é exercido pelos interlocutores do sexo masculino, que, mesmo sendo mais novos em relação à interlocutora do sexo feminino, produzem actos ilocutórios directivos ora directos ora indirectos. Também, que o poder é socialmente atribuído aos homens fica evidente pelo uso da DS "*manu*" por parte da mulher.

**C - 6**

A C - 6, captada numa casa, cujos interlocutores são duas mulheres[4] e dois homens entre 30 e 40 anos de idade, um deles regressando das suas actividades, encontra os outros em conversa. A relação entre os intervenientes é de parentesco: DF2MM, DF2HC e DF2HM, sendo os homens mais novos, comparativamente à mulher, e DF2ML é esposa de DF2HC, portanto, cunhada de DF2MM e DF2HM.

Os primeiros dois turnos, na estrutura conversacional, dizem respeito ao momento de abertura da conversa, marcada pela saudação, que corresponde à estratégia de cortesia, segundo Midões (2008) e Albarelli (2020).

[4] Mulheres sentadas na esteira e os homens (incluindo o que estava a chegar) sentados nas cadeiras.

De seguida, DF2HC, com recurso a um acto ilocutório directivo indirecto *"Kambe mansimu lawa mungaku mutani komba makwini?"* (O campo de cultivo que disseram que me iriam mostrar, onde está?), solicita que a sua irmã o leve à machamba que, pelo contexto e pela deixis verbal do enunciado, entende-se que DF2MM lhe prometera emprestar ou lhe oferecer. O enunciado insere um acto directivo porque visa levar a alocutária a executar uma acção futura, que é de mostrar (ceder ou disponibilizar) a machamba ao locutor.

O turno 4 *"Hitafamba hiyakukomba loko uni nkama, manu."* (Iremos mostrar-lhe quando tiver tempo, mano) corresponde a um acto ilocutório compromissivo, cujo objectivo é levar o locutor a executar uma acção, que, neste caso, será a de levar o seu interlocutor ao campo de produção agrícola. Na alocução, DF2MM recorre à DS "*manu*" para se dirigir ao seu interlocutor, que é mais novo em idade, mas que, por ser do sexo masculino, lhe é devido o respeito, o que valida a ideia de Langa (2010) e Manjate (2010), segundo a qual, na tradição dos "tsongas", o poder é exercido pelos homens, independentemente de serem mais velhos ou não, contudo, pode-se deduzir que, por ser de idade inferior em relação à DL2MM, DF2HC reconhece o poder assente na idade e no conhecimento da interlocutora, razão porque solicita que lhe ceda ou lhe mostre a localização da mesma.

O turno 6 é assertivo com tendência a directivo, uma vez que, a partir dele, DF2HC deverá executar uma acção, isto é, solicitar um outro campo de cultivo a um terceiro, tratado, mesmo ausente, com recurso à DS "*manu*", não sendo possível compreender se é ou não mais velho em idade. Entretanto, transparece-se a ideia de poder assente no conhecimento por parte da interlocutora DF2MM.

No turno 7, DL2MM, em forma de um *lembrete*, produz um acto directivo indirecto *"Kunyada, manu atlhasili kujuleka mati ya kuhlamba"* (Cunhada, o mano já chegou, é necessário providenciar água para banho.), dirigido à DF2ML, sua cunhada, visando levá-la a providenciar água ao seu esposo para o banho, dever de esposa na tradição do povo de Xificundri. Nesse turno de fala, DF2MM exerce poder sobre a sua cunhada, decorrente desse facto, mas também de ser a mais velha, exercendo, por isso, papel de sogra, cabendo a DF2ML, como ilustra o turno 8, a obediência: *"Hisvoni, kunyada...nitamuchelela"* (Está bem, cunhada. Vou providenciar.). Essa situação valida, em parte, as conclusões de Manjate (2010), segundo as quais as mulheres, na tradição *tsonga*, também exercem algum poder, decorrendo, no caso vertente, da idade biológica de DL2MM, do papel de cunhada e do conhecimento sobre o

património. Valida, também, a ideia defendida por Orlandi (2015), segundo a qual, na interlocução, quem fala é o papel social que o interlocutor ocupa.

DF2ML, no penúltimo turno, produz um acto ilocutório assertivo, informando DF2HM, seu cunhado, que a mesa estava posta, no sentido de se poder servir: *"Kunyado, svakuda sviphameliwili"* (Cunhado, a comida está servida.). Entretanto, DF2HM, no último turno, opta por passar a refeição com os outros: *"Hisvoni, kambi nitanyimela vambenyani"* (Está bem, mas vou esperar pelos outros).

Nesta conversa do DF, embora a relação de poder tenda a ser simétrica, ela é exercida com recurso à DS e aos AF directivos indirectos produzidos pelos interlocutores do sexo masculino para as suas alocutárias e também pela interlocutora DF2MM dirigindo-se aos seus irmãos e à sua cunhada, consubstanciando, em parte, a ideia de que, na região em estudo, o poder é exercido pelos homens.

### 4.1.4 Elementos linguístico-pragmáticos no domínio entretenimento

As conversas captadas em lugares de lazer, no período noturno, envolvendo maioritariamente jovens, revelaram a não-ocorrência de AF directivos, a frequência de DS, especificamente os nomes próprios e ocasionalmente os pronomes, não ocorrência de expressões de cortesia que remetam à ocultação de poder e da AltC que remeta ao exercício de poder (cf. as conversas 7 e 8 do apêndice 3).

**C - 7**

A C - 7 foi captada no período nocturno de um fim-de-semana, numa barraca, a única em funcionamento no bairro, até a altura da recolha de dados. Envolve quatro intervenientes de 25 a 30 anos de idade, sendo duas mulheres e dois homens. DE1HV e DE1MM são um casal que vive maritalmente e, naquele dia, decidira sair para se distrair. DE1HZ, por seu turno, é amigo de DE1HV; e, por último, DE1MF conhecida do DE1HV e DE1MM.

No primeiro turno, DE1HZ profere um AF directivo, cuja resposta, em princípio, deve ser física. Dito de outro modo, visa, de acordo com a classificação de Souza (2009), coagir DE1MM a beber "*Khoma lani…*" (Toma aqui…), não se podendo, porém, confundir com uma ordem, uma vez não haver nenhuma obrigatoriedade em cumpri-la. Trata-se de um mero

convite, acompanhado por uma informação (acto assertivo), visando justificar a razão do mesmo *"...a pontero yaku yitakwhela."* (…para o teu ponteiro subir.).

A não obrigatoriedade de cumprir é comprovada pela escolha da acção verbal e não física, em forma de pergunta, para DE1MM dizer que não beberia como forma de evitar engrossar e, instantaneamente, voltar à lucidez: *Ipara hikwhela... yitlhela yixika?* (É para subir e logo descer?).

No turno 3, DE1HZ dirige-se à DE1MF com recurso a um AF directivo indirecto (cortesia), visando convidar a interlocutora para beber "*Se kunyada wene awubi lesvi?* (Cunhada não bebe isto?)", cuja resposta pode ser física ou verbal. A interlocutora DE1MF diz não consumir a bebida em causa, depois de duas perguntas retóricas no mesmo turno "*Hi yine lesvo?...i banister? Anitlangi lomu."* (O que é isso? … é banister? Não bebo.). De seguida, DE1HV procura saber o que DE1MF estaria em condições ou gostava de beber *"Utlanga kwini?"* (O que bebes?), ao que não obteve nenhuma resposta, tendo, ela, optado por mudar de conversa, solicitando que lhe fosse emprestado o telefone para efectuar alguma chamada, através de um AF directivo directo, sem nenhum recurso à estratégia de cortesia *"Nivoleke telefoni niligara, DE1HV*" (Empresta-me o telefone para efectuar uma ligação, DE1HV).

Para o acto directivo produzido por DE1MF, em caso de consentimento do seu interlocutor directo, a resposta seria física, conforme a classificação de Souza (2009). Entretanto, DE1HV presume que ela (DE1MF) quisesse falar com o seu marido e, por isso, põe-se a procurar o seu número e, de seguida, pergunta "*Nomboro ya DE1Mdju hileyi ya kugama hi 90*?" (O número do DE1Mdju é este que termina com 90?), o que DE1MF, com recurso ao acto directivo de resposta verbal coloca em causa *"Himani angaku nijula kuligarela DE1Mdju*" (Quem te disse que quero ligar para DE1Mdju?) que não obtém nenhuma resposta, voltando, por isso, a solicitar que o seu interlocutor lhe empreste o telefone, uma vez mais sem recorrer a nenhuma estratégia de cortesia, repetindo, para o efeito, o segmento discursivo que antes produzira.

Da análise da conversa acima, pode-se concluir que, no DE, envolvendo sobretudo jovens da mesma faixa etária, não ocorre a DS, situação que pode decorrer, na óptica de Lopes (2018), da não preocupação em demonstrar poder de uns sobre para os outros, ou resultar da instabilidade que as formas de tratamento revelam, nos dias de hoje. Igualmente, conclui-se que, embora ocorram AF directivos de resposta física ou verbal, eles não concorrem para o

exercício de poder, dado não haver obrigatoriedade de executar a acção futura, facto que se fundamenta pela recusa e pela estratégia de mudança de tópico da conversa.

**C – 8**

A C - 8 também foi captada numa barraca, num fim-de-semana, à noite, envolvendo cinco jovens, de entre 25 a 30 anos de idade, dos quais três do sexo feminino e dois, masculino, que se encontravam no local. Os participantes são amigos que foram chegando cada um a seu tempo e falavam sobre vários tópicos, em algum momento desconexos, violando, dessa maneira, algumas máximas conversacionais, com destaque para a de relação. Segundo Grice (1975), esta máxima preconiza que um turno, em função do anterior, deve trazer à conversa informação que seja pertinente ao contexto em que é produzida, para permitir que o interlocutor depreenda o sentido.

O turno 1, embora contemple uma pergunta retórica, é assertivo e visa informar sobre a ausência de alguém do local onde o grupo se encontrava *"...I1DE2 akwini? Angakoni lomu."* (Onde está o I1DE2? Não está aqui dentro.). O turno não é verbalmente correspondido.

O turno 2 é aparentemente assertivo, uma vez que informa sobre o que está a suceder no momento em que se fala "*Nakuvona svaku hoṅwuwa bzala."* (Vejo que estás a beber.). Entretanto, olhando para o contexto, não se encontra nenhuma razão para a realização do mesmo, daí que se pode presumir tratar-se de um AF indirecto, visando convencer ou persuadir o alocutário a deixar de beber ou partilhar o que bebe com a locutora e não só. O turno, à semelhança do primeiro, não é verbalmente correspondido, violando-se, por isso, o princípio de cooperação, o que pode, eventualmente, ser resolvido pelo contexto da conversa.

Os turnos 3 e 4 formam um par adjacente, em que o primeiro insere um AF directivo *"Ledriyani dzrihumile?"* (Aquela bebida já saiu?) para levar o alocutário a responder verbalmente à pergunta "*Hiledzri.*" (É esta), com recurso a um acto informativo, por isso assertivo.

No turno 5 ocorre um AF directivo indirecto com o objectivo de fazer com que se coloque a sala (barraca) a arejar devidamente ou persuadir o grupo a encontrar outro lugar mais fresco, saindo, por exemplo, do interior da barraca: "*Lomu kahisa, pa. Hawee!"* (Aqui está muito quente!), validando, por essa via, a explicação de Souza (2009), segundo a qual os AF directivos também servem para formular pedidos e conselhos. O turno não é correspondido, o que se pode considerar, na óptica de Grice (1975), como violação do princípio de cooperação.

Os turnos 6, 7 e 8 cooperam entre si, sendo que, no primeiro, ocorre um acto ilocutório directivo de resposta verbal, visando levar a alocutária a dizer o que toma "*DE2MC, uba hini? Dragon, joni?*" (DE2MC, o que está a beber? Dragon?). O segundo é aparentemente assertivo, pois informa sobre uma das qualidades da DE2MC *"DE2MC angayetleli."* (DE2MC não dorme.). No terceiro, a interlocutora informa que no passado bebia – AF assertivo.

Os turnos 9 e 10 formam um par adjacente. O primeiro é directivo *"...Ufamba unyikela xi yaka yaka?"* (Vai fazer cópula?) que pode requerer uma resposta verbal, podendo a alocutária confirmar ou negar a presunção, ou uma resposta física, visando levar a alocutária a desistir do seu objectivo. A interlocutória opta por uma resposta verbal, recusando a presunção do locutor, recorrendo, na ocasião, a um acto assertivo indirecto *"Nhohlanya...?!"* (Estou maluca?!).

Depois de um longo silêncio, seguiram-se os últimos quatro (11, 12, 13 e 14) turnos da conversa. No turno 11, DE2MA produz um AF assertivo, visando informar o seu interlocutor sobre eventuais problemas decorrentes do facto de não ter participado numa reunião havida na zona *"Ufalitari maroniyawu, utakuma timhaka..."* (Faltaste à reunião, terás problemas…). No turno 12, DE2HN também produz um acto assertivo para dizer aos seus amigos que nunca teria tais problemas, uma vez ser nativo *"Timhaka, mini? Niyopsaliwa, aniyota*." (Problema, eu? Eu nasci aqui, não sou vindouro). No turno 13, DE2MA, com recurso ao acto assertivo, inferioriza-se perante o seu interlocutor, admitindo não ser autóctone, mas alguém que foi para aquele local *"Mini niyotaa..., niyotaa, im-na..."*, (Eu sou vindoura, sou vindoura, sim), pelo que não podia ter a mesma ousadia de faltar aos encontros convocados pelos líderes locais. No turno 14, DE2HN vangloria-se por ser nativo, com recurso a um acto expressivo *"Ntumbuluku dzri...ntumbuluku dzri..."* (Sou nativo).

Da análise da C - 8, verifica-se que no DE não ocorre nem a deixis, nem AF, nem EstCt que remetam ao exercício de poder ou à sua ocultação, podendo-se, por isso, concluir que entre interlocutores jovens de géneros diferentes, em situação de lazer, não há preocupação explícita em manifestar o poder, o que, de alguma forma põe em causa o pressuposto de Madureira e Trentini (2008, p. 638) e Fairclough (1995, p. 44), segundo o qual "em todas as circunstâncias, as interacções conversacionais têm em si subjacente o poder", ocorrendo, porém, enquanto capacidade de influenciar, por exemplo, para coagir a consumir um determinado tipo de bebida ou participar numa determinada brincadeira.

É importante notar que, especificamente na conversa 8, se verifica, por um lado, a reclamação de autoridade por parte de um interlocutor nativo e, por outro, a auto-inferiorização por parte da inerlocutora não-nativa, situação que pode, de certo modo, remeter ao exercício de poder motivado pelo facto de parte dos alguns interlocutores não serem nativos.

### 4.2 Relação entre as escolhas linguísticas de poder e os papéis sociais

No tocante ao segundo objectivo, verificou-se que, na interlocução, quem fala não é o indivíduo em si, mas sim a posição discursiva, influenciado, segundo Orlandi (2015, p. 41), pela posição social, também designada papel interacional, que um determinado interlocutor ocupa na hierarquia da sociedade, independentemente do género ou da idade.

A posição discursiva e a social, influenciando-se mutuamente, concorrem para as escolhas das declarações verbais, isto é, os AF, a DS, as EstCt e a AltC, preconizados pela linguística sócio-interaccional de Gumperz (1982) e Goffman (1967), conforme ilustram as tabelas 2, 3, 4 e 5 que, em cada domínio, estabelecem a relação entre as posições dos interlocutores e as suas escolhas linguísticas.

Para a análise das declarações verbais recorre-se à AD, especificamente a dimensão da prática discursiva de Fairclough (1989), que corresponde a uma tradição interpretativa.

#### 4.2.1 Escolhas linguísticas e os papéis sociais no DL

Neste domínio, como mostra a tabela abaixo, constata-se que o papel social de chefe da associação procurava recorrer, por um lado, aos AF maioritariamente indirectos, às EstCt e à DS, também, de cortesia. Por outro, o papel de secretário do bairro procurou usar diversas estratégias linguístico-pragmáticas de exercício de poder perante os demais interlocutores.

**Tabela 2** Relação entre os papéis sociais e os elementos linguísticos no DL

| Papéis sociais dos interlocutores | Elementos linguístico-pragmáticos |
|---|---|
| **C - 1**<br><br>Chefes da associação (DL1HJ, DL1HP e DL1MC) e associados (homens e mulheres) | **a) DS**<br>• Vamamana, vatatana, vapsele ‘mães, pais’; n’wine vabidzri ‘vocês as duas’<br>**b) AF**<br>• Wene ukalaka ungatizri utahuma la mansin‘wine. ‘Você que não trabalhar há-se sair da machamba.’<br>**c) Cortesia**<br>• Bzixile vamamanooo! ‘Bom dia, pais…!’<br>• Hikombela kuva miyingiseta! ‘Pedimos que oiçam!’ |
| **C - 2**<br><br>Secretário do bairro (DL2HP) e queixosas (DL2MM e DL2MK) | **a) AF**<br>• Fambani…<br>• Hine hi autoridade… ‘Nós somos autoridade…’<br>**b) AltC**<br>• Fambani, mas isso é ilegal ‘Vão, mas é um acto ilegal.’ |

**Fonte:** Autor

Da tabela, verifica-se que não são os interlocutores da conversa 1 (DL1HJ, DL1HP e DL1MC) e da conversa 2 (DL2HP, DL2MM e DL2MK), enquanto indivíduos, que dialogam entre si, mas, como defendem Orlandi (2015) e Knoll (1995), as suas posições discursivas determinadas pelos diferentes lugares sociais, que cada cada um dos interveniventes ocupa na hierarquia da cooperativa ou do bairro.

Na conversa 1, as posições discursivas que dialogam são as de chefes da associação e a de subordinados. DL1HJ, DL1HP e DL1MC, na posição discursiva de chefes, produzem, embora indirectos, actos directivos, visando levar os seus interlocutores, subordinados, a executar uma acção futura, designadamente chegarem mais cedo à machamba e engajarem-se cada vez mais no trabalho. Ainda nessa posição, tomam a iniciativa de recorrer às estratégias discursivas para diminuir o distanciamento entre si e seus subordinados.

Na conversa 2, por seu turno, o interlocutor DL2HP, cuja posição discursiva é de secretário do bairro, para exercer o poder sobre as suas interlocutoras DL2MM e DL2MK com a posição discursiva de queixosas, produz AF directivos e recorre ao poder institucial e à AltC.

### 4.2.2 Escolhas linguísticas e os papéis sociais no DR

No DR, os papéis de liderança tendem a ser exercidos por homens, que, na interlocução com mulheres, recorrem aos AF directivos maioritariamente directos e evitam usar a deixis. As suas interlocutoras, dada a sua posição subalterna, recorrem sistematicamente à DS e às EstCt.

**Tabela 3** Relação entre os papéis sociais e os elementos linguísticos no DR

| **Papéis sociais dos interlocutores** | **Elementos linguístico-pragmáticos** |
|---|---|
| **C - 3**<br><br>Chefe religioso (DR1HA) e senhora (DR1MC) membro da congregação | **a) DS**<br>• Papayi 'Pai'<br>**b) AF:** assertivos e directivos longos por parte do chefe religioso<br>**c) Cortesia**<br>• Nhlikanhi, papayi! 'Boa tarde, pai!<br>• Aninavhela a kuhingela… 'Gostava de saber…' (por parte da mulher) |
| **C - 4**<br><br>Secretário (DR2HN) e uma senhora (DR2MB) membro da congregação | **a) DS**<br>• Papayi sekeretariyu 'Sr. Secretário'<br>**b) AF**<br>• Directivos por parte do secretário: Bzela… 'Diga…'<br>**c) Cortesia**<br>• Bzixile, papayi sekeretariyu! 'Bom dia, sr. Secretário!'<br>• Aninavhela a kuhlaya... 'Gostava de informar...' (por parte da mulher) |

**Fonte**: autor

Da tabela, nas conversas 3 e 4, constata-se que os papéis sociais e discursivos, respectivamente, de chefe da congregação (DR1HA) e de secrecrtário (DR2HN) legitimam o que dizem às suas interlocutoras DR2HN e DR2MB, cujos papéis discursivos são de fiéis ou membros da

congregração, situação que valida o pressuposto de Orlandi (2015, pp. 39 e 40), segundo o qual "…a sociedade é constituída por relações hierarquizadas, sustentadas no poder dessas diferentes posições discursivas que se fazem valer na comunicação."

Os locutores DR1HA e DR2HN, decorrente dos papéis sociais que desempenham nas suas igrejas, para o exercício de poder sobre as suas alocutárias, recorrem aos actos ilocutórios directivos e de outra natureza, produzem turnos longos e com informações detalhadas. Por seu turno, as interlocutoras DR1MC e DR2MB, conscientes ou não da sua posição na hierarquia na igreja, recorrem, sistematicamente, às EstCt e produzem turnos curtos e quase sempre assertivos ou expressivos.

### 4.2.3 Escolhas linguísticas e os papéis sociais no DF

Neste domínio, apurou-se que os papéis sociais de irmãos e irmãs mais velhos ou mais novos, de esposa ou esposo, atribuem quase sempre o poder aos homens, independentemente da sua idade, como mostram os dados constantes na tabela abaixo.

**Tabela 4** Relação entre os papéis sociais e os elementos linguísticos no DF

| **Papéis sociais dos interlocutores** | **Elementos linguístico-pragmáticos** |
|---|---|
| **C - 5**<br>Uma mulher (DF1MP) e seus irmãos (DF1HJ e DF1HA) mais novos.<br><br>**Conversa 6**<br>Três irmãos, sendo DF2MM (mais velha) e dois homens (DF2HC e DF2HM), estando um deles com a sua esposa (DF2ML). | **a) DS**<br>Manu 'mano'<br><br>**b) AF** directivos directos e indirectos (cortesia) por parte dos irmãos mais novos. |

**Fonte**: Autor

A tabela mostra que nas convesas 5 e 6, embora DF1MP e DF2MM exerçam os papéis sociais e discursivos de irmãs mais velhas, na interlocução, recorrem à DS "*manu*" para se dirigirem aos seus interlocutores, com papel social e discursivo de irmãos mais novos, mas que, por serem do género masculino, são devidos o respeito, uma vez que, de acordo com Manjate (2010), neste tipo de sociedade, as práticas culturais e tradições que prevalecem desfavorecem as mulheres e as pessoas conhecem e reconhecem tais práticas através do processo de socialização.

Devido ao papel social e discursivo de irmãos de género masculino, embora mais novos em idade, DF1HJ, DF1HA DF2HC e DF2HM não usam a DS para se dirigirem às suas

interlocutoras e produzem, ainda que indirectos, actos ilocutórios directivos, visando coagi-las a executar uma acção futura, validando, por essa via, a ideia de Mandamule (2016), Manjate (2010), Langa (2010), segundo a qual, entre os tsongas, o poder é masculino.

### 4.2.4 Escolhas linguísticas e os papéis sociais no DE

No DE, envolvendo maioritariamente jovens, verificou-se não haver tendência de uso de elementos linguístico-pragmáticos que remetam ao exercício de poder, como ilustram os dados constantes da tabela abaixo.

**Tabela 5** Relação entre os papéis sociais e os elementos linguísticos no DE

| **Papéis sociais dos interlocutores** | **Elementos linguístico-pragmáticos** |
|---|---|
| Um casal jovem (DE1HZ e DE1MM) com dois amigos (DE1MF e DE1HV).<br><br>Amigos jovens: três mulheres (DE2MA, DE2MV e DE2MC) e dois homens (DE2HN e DE2HL). | **a) DS**<br>Nomes próprios: DE1HV, DE1Mdju<br>Nomes próprios: I1DE2, DE2MC<br>Kunyada 'cunhada'<br><br>**b) AF** que não remetem ao exercício de poder<br>**c) Não ocorrência de elementos de cortesia** |

**Fonte**: Autor

Da tabela, depreende-se que a relação entre os interlocutores é de amizade, razão porque não há ocorrência de elementos que remetam, de forma explícita, ao exercício ou à ocultação de poder. Entre eles, predominam os nomes próprios (DE1HV, DE1Mdju, I1DE2, DE2MC), os AF não directivos e a não ocorrência de EstCt.

A não ocorrência de elementos que remetam ao exercício de poder, de alguma forma, contrasta com as ideias de Langa (2010) e Araújo (2021), de acordo com as quais, na interlocução entre homens e mulheres, existem sempre diferenças linguísticas motivadas pela construção social e está subjacente o poder.

## 4.3 Percepção dos residentes sobre o exercício de poder na interlocução

Com o objectivo de compreender algumas particularidades de usos diferenciados dos AF, da deixis e das EstCt estabelecidos pela linguística sócio-interaccional de Gumperz (1982) e Goffman (1967), num acto conversacional entre homens e mulheres adultos, nos domínios religioso, laboral e familiar, procedeu-se à entrevista semi-estruturada (cf. o apêndice 1), envolvendo EHCT, EHLR e EMCQ, cujas respostas constam na tabela abaixo, seguidas de análise interpretativa em conformidade com dimensão da prática discursiva de Fairclough (1998).

**Tabela 6** Percepção dos residentes sobre o exercício de poder e suas implicações

| Nº da questão | EHCT | EHLR | EMCQ |
|---|---|---|---|
| Q1 | A razão está nas nossas origens. Aliás, mesmo um filho, outrora, não ousava sentar e ouvir a conversa dos pais. | A razão decorre do facto de ser o homem que conquista a mulher (diz que a ama), cabendo a esta simplesmente aceitar, dizendo "sim" ou acenando a cabeça. | A razão está no complexo de inferioridade por parte das mulheres. Entretanto, elas depois ficam a murmuram quando estão entre si. |
| Q2 | Fazem isso com base numa concepção antiga e um pouco errada, pois, no meu entender, ambos têm os mesmos direitos. | O homem manda na mulher para justificar a razão de ela estar no lar. Não pode estar a pedir sob risco de a própria mulher reclamar. | Os homens, modo geral, tomam as mulheres como seres inferiores. |
| Q3 | Isso decorre do facto de as pessoas, hoje, juntarem-se sem o devido preparo, o que é agravado pelas leis que tanto protegem a mulher. Isso resulta em brigas frequentes e separações. | Esse problema deve-se à propalação da democracia e das leis, o que, até certo ponto, causa desestabilização dos relacionamentos. | Os jovens não se respeitam, pelo que vivem muito pouco tempo juntos. |
| Q4 | O homem é cabeça, deve ser tratado com respeito. À mulher, não se deve tanto respeito quanto ao homem.<br>O galo é sempre galo. É ele que procura espaço para a fêmea colocar ovos, mas antes ele coloca um "ovinho". | O homem é a essência. Deve ser visto e tratado com correcção, excepto quando apresenta comportamento desviante. O homem não pode ser comparado à mulher. | Como mulher, sei que devo ser submissa ao homem, cumprir as minhas tarefas sem reclamar. Devo ao homem total respeito. |

**Fonte:** Autor

Os entrevistados responderam a quatro questões sobre (i) Q1 - Razões de silêncio ou de respostas mínimas por parte das mulheres na interacção com os homens, sobretudo adultos; (ii) Q2 - Uso de actos directivos frequentes por parte dos homens e de estratégia de cortesia pelas mulheres; Q3 - Assimetrias mínimas ou nulas entre interlocutores mais jovens e suas implicações; e Q4 - Uso ou não da DS (*tatana*, *bava*, *papayi*, *mamana*, *titia*, *manu…*) na interacção com alguém de género oposto.

Sistematizadas as respostas, verificou-se que, tal como sugere Balsalobre (2017) e Langa (2010), numa interacção entre homem e mulher, esta tende, a emitir respostas mínimas. As razões apontadas diferem, mas todas mostram a superioridade dos interlocutores do género masculino em relação ao feminino, incluindo a percepção da informante EMCQ.

O conteúdo das respostas às questões 2 e 4 valida os estudos de Manjate (2010), Langa (2010) e Mandamule (2016), segundo os quais, o poder, na região dos *Tsongas*, é desde cedo incutido aos homens sobre as mulheres, através de práticas de socialização, reforçadas pelos valores transmitidos às mulheres no lobolo.

As respostas à pergunta três, por seu turno, validam o estudo de Lopes (2018, pp. 60-61), sobre a DS, segundo o qual, as formas de tratamento, nos dias de hoje, revelam alguma instabilidade causadora de desconforto e até de insegurança linguística, situação que revela transformações

de passagem de um sistema de face (...) de base hierárquica e diferencial para um de base mais igualitária e de envolvimento.

### 4.4 Comparação das estratégias em diferentes domínios

Na sequência das constatações relativas aos primeiros três objectivos do estudo, procede-se à comparação do que acontece nos quatro domínios em relação ao exercício de poder na interlocução entre homens e mulheres, com recurso às declarações verbais, conforme a linguística sócio-interaccional de Gumperz, (1982) e Goffman (1967), sendo que a comparação interpretativa se insere na dimensão da prática discursiva de Fairclough (1998).

**Tabela 7** Estratégias de exercício ou ocultação de poder no DL

| **DL** |
|---|
| **DS**<br>• Vamamana, vatatana, vapsele 'mães, pais'<br>• N'wine vabidzri 'vocês as duas'<br>**AF directivos e outros que remetem ao exercício de poder**<br>• Wene ukalaka ungatizri utahuma la mansin'wine. 'Você que não trabalhar há-se sair da machamba.'<br>• Hifanela kukhanela leswi svihonekana. 'Temos de dizer o que se está a estragar.'<br>• Hakumana vapsele? 'Entendemo-nos, pais?'<br>• Hine hi autoridade… 'Nós somos autoridade…'<br>**Cortesia**<br>• Bzixile vamamanooo…; bzixile vatatanooo! 'Bom dia, mães…! Bom dia, pais…!'<br>• Hikombela kuva miyingiseta! 'Pedimos que oiçam!'<br>**AltC**<br>• Fambani, mas isso é ilegal 'Vão, mas é um acto ilegal.' |

**Fonte**: compilação do autor

No DL, ficou evidente que, por um lado, os líderes das associações agrícolas, independentemente do género de quem lidera o grupo, demonstram uma elevada preocupação em ocultar o poder. Por outro, ficou clara a elevada preocupação de manifestar o poder por parte do interlocutor do género masculino, quando o assunto discutido era a notificação policial, chegando-se a evocar o poder jurídico-institucional e a recorrer-se à AltC como estratégia de manifestar o poder.

**Tabela 8** Estratégias de exercício ou ocultação de poder no DR

| **DR** |
|---|
| **DS**<br>• Papayi 'Pai'<br>• Papayi sekeretariyu 'Sr. Secretário'<br>**AF**<br>• Assertivos e directivos longos por parte do chefe religioso<br>**Cortesia**<br>• Nhlikanhi, papayi! 'Boa tarde, pai!<br>• Aninavhela a kuhingela a nfambu wa Sonto 'Gostava de saber sobre o programa do domingo' (por parte mulher)<br>• Directivos indirectos por parte dos homens dirigindo-se à irmà mais velha: Kambe mansimu lawa mungaku mutani komba makwini? 'Onde está o campo de cultivo que me disseram que me mostrariam?'<br>• Directivos indirectos por parte da irmã mais velha para a sua cunhada: Kunyada, … kujuleka mati ya kulhamba. 'Cunhada, providencie água para o banho.' |

**Fonte**: compilação do autor

Paradoxalmente, no DR, viu-se que há uma tendência de, na interacção, se demonstrar o poder de todas as formas possíveis, desde o uso de DS e das EstCt por parte das interlocutoras; o recurso aos AF directivos directos e o não uso da deixis e das EstCt por parte dos homens, coincidentemente, com algum cargo de liderança na congregação. Esse cenário consubstancia a ideia de que as assimetrias estão sempre presentes nas interacções, como defende Araújo (2021), Candela (1999) e Guarinieri (2007). Também valida a ideia de Langa (2010) e Manjate (2010), segundo a qual, na região em estudo, o poder, modo geral, é exercido pelos homens.

**Tabela 9** Estratégias de exercício ou ocultação de poder no DF

| **DF** |
|---|
| **DS**<br>• Manu 'mano' por parte da mulher dirigindo-se aos seus irmãos mais novos<br>• Kunyada 'cunhada'<br><br>**AF directivos directos e indirectos** (cortesia)<br>• Kambe mansimu lawa mungaku mutani komba makwini? 'Onde está o campo de cultivo que me disseram que me mostrariam?'<br>• Kunyada, … kujuleka mati ya kulhamba. 'Cunhada,… providencie água para o banho.' |

**Fonte:** compilação do autor

No DF, o exercício de poder é com recurso a AF directivos ora directos, ora indirectos por parte dos homens e ao uso da DS "*manu*" (mano), "*papayi*" (senhor), cargos sociais, e às EstCt frequentes por parte da mulher.

Neste domínio, as conversas analisadas também validam as conclusões dos estudos de Langa (2010) e de Manjate (2010), segundo as quais, na tradição tsonga, o poder é exercido pelos homens, educação inculcada desde cedo através do processo de socialização.

Entretanto, também validam a ideia de Manjate (2010) de que as mulheres têm algum poder que, no caso vertente, decorre da idade e do conhecimento sobre o património familiar que elas possuem.

**Tabela 10** Estratégias de exercício ou ocultação de poder no DE

| **DE** |
|---|
| **DS**<br>• Nomes próprios: DE1HV, DE1Mdju, I1DE2, DE2MC<br>• Kunyada 'cunhada'<br>**AF** que não remetem ao exercício de poder<br>**Não ocorrência de elementos de cortesia**<br>**Expressão culturalmente carregada**<br>Ntumbuluku dzri...ntumbuluku dzri... 'Nativo' |

**Fonte:** Compilação do autor

O DE, envolvendo jovens, difere de todos os outros. Nele, a relação de poder entre os interlocutores de géneros diferentes tende a ser simétrica. A DS é típica do grupo, os AF são produzidos de forma igualitária, as EstCt não ocorrem, o tamanho de turnos é equilibrado. Isso remete à ideia de que neste domínio o poder é zero. Entretanto, na segunda conversa do domínio ocorre a reclamação de poder de originalidade, "*Ntumbuluku dzri...ntumbuluku dzri*".

## 5. Conclusões e recomendações

Este capítulo subdivide-se em duas partes. A primeira sintetiza os principais tópicos da pesquisa, com destaque para o objecto de estudo, o quadro teórico adoptado, a abordagem metodológica e as pricipais ilações em função dos objectivos específicos. A segunda, por sua vez, em função das ilações e das principais constatações no campo, apresenta algumas recomendações.

### 5.1 Conclusão

O desenvolvimento desta pesquisa intitulada "*As conversações quotidianas e as assimetrias de poder entre homens e mulheres em Xificundri*" visou analisar como é que o poder, na interacção entre pessoas de géneros diferentes, se manifesta com recurso a elementos linguístico-pragmáticos em diferentes domínios sociais: familiar, religião, laboral e entretenimento, no bairro de Xificundri, distrito de Marracuene.

O estudo adoptou dois quadros teóricos, a abordagem sócio-interaccional de Goffman (1967), Grice (1975) e Gumperz (1982), e a análise do discurso de Fairclough (1989). Os quadros interligam-se na medida em que o primeiro se dedica ao estudo de todos os elementos que ocorrem na interacção. O segundo, por sua vez, preocupa-se com o poder nas interacções, cuja manifestação é por meio de diferentes elementos pragmáticos. Os quadros teóricos possibilitaram a definição das categorias de análise, tais como os AF, a DS, as EstCt e a AltC. Igualmente, possibilitaram a definição do método de análise dos dados.

Para a prossecução dos objectivos do estudo, adoptou-se uma pesquisa qualitativa pelo facto de permitir trabalhar com dados de natureza diversificada recolhidos em cenário natural, possibilitando uma interpretação de significados individuais. A recolha de dados empíricos teve lugar durante sete meses, com recurso à observação directa, especificamente à gravação de conversas e de entrevista. Teve como população do estudo homens e mulheres adultos do bairro de Xificundri. Recorreu-se à análise temática, assente na análise tridimensional de Fairclough (1998), especificamente a prática discursiva que corresponde à dimensão analílica da interpretação.

Realizado o estudo, conclui-se que poder é a capacidade de o locutor influenciar o alocutário para aderir a uma determinada ideia ou acção. Essa capacidade pode ser motivada por diversos factores sociais, com destaque para a riqueza, a idade, o género, a força física, o conhecimento, entre outros.

Em relação à identificação dos elementos linguísticos de natureza pragmática que concorrem para a manifestação de poder, notou-se que, na interlocução, este manifesta-se com recurso a DS, elementos de cortesia, alternância de código, AF, entre outros elementos, havendo, porém, necessidade de ressaltar que tal fenómeno não ocorre de forma proporcional em todos os domínios analisados.

No tocante à relacção entre os papéis sociais e as escolhas de elementos linguísticos para o exercício de poder, verificou-se que, efectivamente, na interlocução, quem fala não é o indivíduo em si, mas a posição discursiva que ele ocupa, conforme a proposta de Orlandi (2015), por esse motivo, não se pode assumir que o homem é quem exerce o poder sobre a mulher em todas as circunstâncias.

Sobre a percepcão das particularidades decorrentes de usos diferenciados de elementos linguísticos, aferiu-se que, na comunidade analisada, os residentes entendem que o poder é, modo geral, exercido pelo género masculino, por este ser considerado superior que o feminino. Entretanto, os mesmos reconhecem que, actualmente, tal cenário tende a reverter-se devido à emancipação, que, na óptica dos entrevistados, se resume na protecção exacerbada da mulher pelos órgãos de justiça.

No que diz respeito à comparação das formas de manifestação de poder, dos dados empíricos analisados, verifica-se que o exercício de poder respeita as especificidades de cada domínio, podendo, igualmente, depender do assunto em discussão. Nos domínios laboral, religioso e familiar, na interlocução entre homens e mulheres, a preocupação em exercer ou ocultar o poder com recurso a elementos linguístico-pragmáticos é evidente. Por seu turno, no DE, há ocorrência frequente de nomes próprios e de AF que não remetem ao exercício de poder.

A pesquisa logrou todos os objectivos propostos e responde ao problema do estudo e às questões de partida**,** uma vez que, efectivamente, na interacção, o exercício de poder pode ser com recurso a elementos de natureza linguístico-pragmáticos, nomeadamente a DS, os AF, as EstCt e a AltC na alocução, entre outros, cuja selecção é influenciada pelos papéis sociais dos interlocutores numa determinada conversa. Contudo, é de salientar que essa situação não ocorre no DE de forma sistemática, pois as relações conversacionais tendem a ser simétricas, consubstanciando a ideia de que as formas de tratamento, nos dias de hoje, revelam alguma instabilidade.

### 5.2 Recomendações

O presente estudo analisou conversas concretas captadas em diferentes domínios sociais, além de procurar compreender a percepção dos residentes sobre a existência de poder nas interlocuções entre homens e mulheres.

O estudo é relevante para as áreas da comunicação, da linguística descritiva e textual, pois abre, com base nos diferentes aspectos abordados, incluindo as limitações, possibilidades de outras pesquisas, que poderão aprofundar cada aspecto linguístico-pragmático analisado neste trabalho ou recorrer aos aspectos de exercício de poder propostos em outras perspectivas de estudo da interacção conversacional, como a etnometodologia, a etnografia e a teoria de informação.

Neste contexto e tendo em consideração a exiguidade de estudos e os desafios encarrados ao longo do pocesso, recomenda-se que:

- Se potencie pesquisas sobre o funcionamento da interacção conversacional em todas as suas dimensões, através de criação e materialização de linhas de pesquisas inerentes;

- Os próximos estudos analisem, de forma separada, os diferentes aspectos de manifestação de poder, socorrendo-se das diferentes perspectivas de estudo da conversação. Os estudos deverão ser etnográficos longitudinais para permitir que a análise tenha em conta as especificidades culturais de cada região, pois grande parte das regras conversacionais são inerentes aos contextos;

- Nos próximos estudos, se incluam mais domínios, o que possibilitará maior comparação para efeitos de inferência. Ainda, os estudos futuros não olhem unicamente para as interlocuções evolvendo géneros diferentes, uma vez que o poder é imanente a todas as interacções.

## Referências bibliográficas


Adam, J. M. (1992). *Les Textes. Types et prototypes*. Paris: Nathan.

Albarelli, A. (2020). *Uma da descortesia como estratégia de persuasão em interacções polemicas: o debate político*. São Paulo: Aled.

Araújo, K. (2021). Assimetria e entrelaçamento de discursos na relação de orientação acadêmica. *Revista de Letras*, v. 13, n. 1 jan./jun. ISSN 2176-4182

Arminen, I. (2005). *Institutional Interaction*: studies of Talk at Work. Series Editors, Finland.

Balsalobre, S. (2017). Expressões de poder e de solidariedade em Moçambique e em Angola: observando a inter-relação entre gênero e formas de tratamento. In: Timbane e Balsalobre (Ed.). *África em Língua Portuguesa: variação no português africano e expressões literárias*. RILP, ISSN: 2182-445, p. 53 – 78.

Barros, D. A comunicação humana. (2003). In: Fiorin, J. (Org.). *Introdução à linguística*. São Paulo, Cultrix.

Bitti, P. & Zani, B. (1997). *A Comunicação como Processo Social*. Lisboa: Editorial Estampa.

Bortoni-Ricardo, S. (2014). *Manual de sociolinguística*. São Paulo: Contexto.

Brown, R. e Gilman, A. (1960). The pronouns of the power and solidarity. In: Sebeok, T. (ed.). *Style in language*. MIT Press.

Candela, A. (1999). Student's power in classroom discourse. *Linguistics and Education*, nº 10(2), p. 139-163.

Código de Nuremberg – 1947. *Experimentação humana*. In: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.ghc.com.br/files/codigo%20de%20neurenberg.pdf. Acessado em 12 de Outubro de 2024.

Declaração de Helsinque (1964). *Prncípios éticos para as pesquisas médicas em seres humanos. Filândia*. Disponível em chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.fcm.unicamp.br/fcm/sites/default/files/declaração. Acessado em 12 de Outubro de 2024.

Dicionário de Português Online – Léxico.pt. (2009 - 2024). Disponível em: https://www.dicio.com.br/

Fairclough, N. (1989). *Language and power*. New York: Longman.

Fairclough, N. (1995). *Critical discourse analysis: the critical study of language*. London and New York: Longman.

Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança*. (tradução brasileira). Brasília: Universidade de Brasília.

Foucault, M. (2019). *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 18 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Goffman, E. (1967). *Ritual de interacção*: ensaios sobre o comportamento face-a-face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes.

Grice, H. (1975). *Logic and Conversation*. California, Berkely.

Guarnieri, A. C. M. (2007). *A comunicação no vínculo conjugal*. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo.

Gumperz, J. (1982). *Discurse strategies*. Cambridge: Cambridge University. Press.

Gumperz, J. e Hernández-Chavez, E. Language maintenance, bilingual education, and philosophies of bilingualism in the United States. In: J. E. Alatis (Ed.) *International dimensions of bilingual education*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1978.

Hinde, A. (1976). On describing relationships. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 17, 1-19.

Hymes, D. (1974). *Foundations of Sociolinguistics: An Ethnographic Approach*. Philadelphia: U of Pennsylvania P.

Jakobson, R. (1976). *Linguística e comunicação*. Trad. Blikstein e Paes. Cultrix, São Paulo.

Kerbrat-Orecchioni, C. (2014). *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução de Carlos Filho. Parábola, São Paulo.

Knoll, G. (1995). Assimetria nas relações de género: uma leitura crítica de anúncios publicitários. *Revista Educação e Realidade*, Universidade Federal de Santa Maria.

Koch, I. e Bentes, A. (2008). *Aspectos da cortesia na interacção face-a-face*. In: Preti, D. (Org.) Cortesia verbal. São Paulo: Humanitas, p. 19-48.

Langa, J. (2009). *Análise das Regras da Conversação nos Programas Interactivos da Rádio Moçambique: o caso do programa "Fala Moçambique" do dia 5 de Maio de 2008*. Dissertação de Mestrado – FLCS, UEM.

Langa, P. (2010). *Diferenças linguísticas e comunicativas entre homens e mulheres na cultura Tsonga*. Dissertação de Mestrado – FLCS, UEM.

Leite, J. (2007). *Fundamentos de linguística*. Paraíba, Universidade Federal da Paraíba.

Levinson, S. (1983). *Pragmatics*. Cambridge Textbooks in Linguistics, Cambridge University Press.

Levinson, S. (2007). *Pragmática*. Tradução de Luís Carlos Borges, Aníbal Mari. São Paulo, Martins Fontes.

Lopes, A. (2018). *Pragmática: uma Introdução*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Lyons, J. (1987). *Lingua(gem) e linguística*. Rio de Janeiro. Guanabara.

Madureira, S. e Trentini, M. (2008). *Relações de poder na vida conjugal e prevenção da AIDS*. *Rev. Bras Enferm*, Brasília, 2008 set-out; 61(5): 637-42.

Mandamule, U. (2016). *Observador do Meio Rural - tipologia dos conflitos sobre ocupação da terra em Moçambique*. Maputo: FAN.

Manjate, F. (2022). *Something good but nothing to BE pois of*: inheritance and suceession practices, and sociopolitical stakes in times of Descentralization in Marracuene, Mozambique

Manjate, T. (2010). *A Representação do poder nos provérbios tsongas*. Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Marcuschi, L. (2003). *Análise da Conversação*. 5.ª ed. São Paulo, Ática.

Matos, J.; Ribeiro, H.; Cunha, J.; Pereira, L. e Castro, S. (2019). *Gramática moderna da língua portuguesa*. Lisboa: Escolar Editora.

Mesthrie, R. Swann, J. Deumert, A. & Leap, W. (Eds) 2009. *Introducing sociolingingistics*. 2.ª ed, Jonh Benjamin Publishing Company, Philadelphia. P 183 – 212.

Michel, L., Paixão, M. e Vargas, C. (2002). Desvendando as intenções do autor a partir da leitura pragmática de Charges. In: *Disciplinarum Scientia*. Série: Artes, letras e Comunicação, Santa Maria, V. 3, n. 1, 47 – 56.

Midões, M. *Comunicação Homem – Mulher: guerra ou diálogo*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Ochs, E. and Schieffelin, B. (2017). Language Socialization: An Historical Overview. In P.A. Duff e S. May (eds.), *Language Socialization, Encyclopedia of Language and Education*, p. 1-14, DOI 10.1007/978-3-319-02327-4_1-1

Oliveira, M. (2015). *Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses*. 5.ed. Rio de Janeiro: Elsevier.

Orlandi, E. (2015). *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.

Silva, G. (2006). *Educação e Género em Moçambique*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras da Universidade de Porto – Centro de Estudos Africanos.

Sim-Sim, I. (2018). *Desenvolvimento da linguagem*. 2ª ed. Lisboa: Universidade Aberta.

Souza, A. (2009). *AF e poder na novela "duas caras"*. Tese de Mestrado – Faculdades de Letras, Universidade de Lisboa.

Van Dijk, T. A. (1992). *La ciência del texto*. Barcelona: Paidos.

Van Herk, G. (2012). *What is Sociolinguistics*. Wiley-Blackwell, Malden, MA & Oxford, pp. 116-126

Viana, N. (2009). *Linguagem, discurso e poder*: ensaio sobre linguagem e sociedade. VB, Minas Gerais.

Wardhaugh, R. & Fuller, J. (2015). *An introduction to sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, Malden.

Yule, G. (1996). *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press.

# Apêndice 1 – Dados sociodemográficos

Tabela de dados sociodemográficos dos participantes

| Códico do participante | Sexo | Idade estimada em função aperência física | Profissão | Perfil linguístico |
|---|---|---|---|---|
| **DL1HJ** | H | 40 – 45 anos | Agricultor | Ronga (+) e português |
| **DL1HP** | H | 45 – 50 anos | Agricultor | Ronga (+) e português |
| **DL1MC** | M | 45-50 anos | Agricultora | Ronga (+) e português |
| **DL2MM** | M | 50 – 55 anos | Agricultora | Ronga (+) e português |
| **DL2HP** | H | 55 – 60 anos | Agricultor | Ronga (+) e português |
| **DL2MK** | M | 50 – 55 anos | Agricultora | Ronga (+) e português |
| **DR1MC** | M | 40 – 45 anos | Agricultora | Ronga (+) e português |
| **DR1HA** | H | 45 – 50 anos | Agricultor | Ronga (+) e português |
| **DR2MB** | M | 45 – 50 anos | Agricultora | Ronga (+) e português |
| **DR2HN** | H | 50 – 55 anos | Agricultor | Ronga (+) e português |
| **DF1MP** | M | 35 – 40 anos | Agricultora | Ronga (+) e português |
| **DF1HJ** | H | 35 – 40 anos | Agricultor | Ronga (+) e português |
| **DF1HA** | H | 35 – 40 anos | Mecânico e agricultor | Ronga (+) e português |
| **DF1HV** | H | 35 – 40 anos | Agricultor | Ronga (+) e português |
| **DF2HC** | H | 30 – 40 anos | Agricultor | Ronga (+) e português |
| **DF2HM** | H | 30 – 40 anos | Mecânico e agricultor | Ronga (+) e português |
| **DF2MM** | M | 30 – 40 anos | Agricultora | Ronga (+) e português |
| **DF2ML** | M | 30 – 40 anos | Agricultora | Ronga (+) e português |
| **DE1HZ** | H | 25 – 30 anos | Agricultor | Ronga (+) e português |
| **DE1MM** | M | 25 – 30 anos | Comerciante | Ronga (+) e português |
| **DE1MF** | M | 25 – 30 anos | Agricultora | Ronga (+) e português |
| **DE1HV** | H | 25 – 30 anos | Agricultor e funcionário público | Ronga (+) e português |
| **DE2HN** | H | 25 – 30 anos | Comerciante | Ronga (+) e português |
| **DE2MA** | M | 25 – 30 anos | Agricultora | Ronga (+) e português |
| **DE2HL** | H | 25 – 30 anos | Comerciante | Ronga (+) e português |
| **DE2MV** | M | 25 – 30 anos | Agricultora | Ronga (+) e português |
| **DE2MC** | M | 25 – 30 anos | Comerciante | Ronga (+) e português |
| **EHCT** | H | 55 – 60 anos | Agricultor | Ronga (+) e português |
| **EHLR** | H | 60 anos ou mais | Guarda | Ronga (+) e português |
| **EMCQ** | M | 60 anos ou mais | Agricultora | Ronga |

Fonte: autor

**Apêndice 2 – Guião de Entrevista**[5]

O presente guião de entrevista tem por objectivo orientar o pesquisador na recolha de dados relativo à percepção de algumas particularidades decorrentes de usos diferenciados de elementos linguísticos (também não linguísticos) no acto conversacional entre homens e mulheres adultos. Os dados são para a elaboração da dissertação. Não há respostas certas nem erradas, apenas se espera que forneça a sua opinião sincera. Os dados serão tratados sob anonimato.

1. Por que razão, na interacção entre dois interlocutores de géneros diferentes, o homem tende a produzir turnos longos comparativamente à mulher?
   _____
   _____
   _____
   _____

2. Por que os homens, aqui em Xificundri, modo geral, recorrem aos actos directivos quando se dirigem às mulheres, e estas, às EstCt? _____
   _____
   _____
   _____

3. Por que razão, hoje, entre interlocutores mais jovens, as diferenças destacadas na questão 2 (mandar por parte dos homens e pedir por parte das mulheres) são menos visíveis?_____
   _____
   _____

4. Por que as mulheres um pouco mais crescidas usam geralmente as formas: *tatana, bava, papayi, manu…*) social na interacção com alguém de género oposto?_____
   _____
   _____

*Muitíssimo obrigado pela cooperação*

[5] A entrevista não será padronizada, dependerá do que se constatar no terreno, pelo que este guião é apenas indicativo.

## Apêndice 3 – Corpora

### Conversa 1 – DL

**DL1HJ$_1$**: Bzixile vamamanooo…; bzixile vatatanooo ‘Bom dia, mães…! Bom dia, pais…!’

**DL1HP$_2$**: (clamou): …n’wine vabidzri, hikombela kuva miyingiseta, vamiyangulaka! ‘…vocês duas aí, pedimos que oiçam, pois estão a falar convosco, não nos façam isso…’

**DL1MC$_3$**: Lava hitavatekela ndzima. ‘Vamos arrancar-lhes o trabalho!’

**DL1HJ$_4$**: Bzixile vamamana…; bzixile vatatana! ‘Bom dia, mães…! Bom dia, pais…!’

**Todos$_5$**: Bzixile! ‘Bom dia!’

**DL1HJ$_6$**: Xantiyisu wene ukalaka ungatizri utahuma mansin’wini.

‘A verdade é que quem não vier trabalhar será expulso da sua machamba.’

**DL1HP$_7$**: Lweyi asvivonaka svaku naphazrama angangurangura, hifanela hikhanela lesvi svihonekaka. ‘Quem vir que estou a falhar não murmure; temos de dizer o que se está a estragar no nosso trabalho.’

**DL1HJ$_8$**: Hakumana vapsele? ‘Entendemo-nos, pais?’

**Todos$_9$**: Im-na. ‘Sim’

**DL1HJ$_{10}$**: Khanimambu! ‘Obrigado’

### Conversa 2 – DL

**DL2MM$_1$**: ...vate kufanele alihini hikhanela nayene, a kuva himunyiketa a papila. ‘…disseram que devemos ser nós a falar com ele para lhe entregar o papel.’

**DL2HP$_2$**: Amusvitivi, hine hi awutoridade, a papila dzribuya la; avanyiki munhu kalikeri, dzribuya ka sekeretariyu do bayiro muzrangeli wamuganga. ‘Não sabem, nós somos autoridades, a intimação vem para aqui, não se entrega a qualquer pessoa, mas ao secretário do bairro.’

**DL2MK$_3$**: DL2HMand a vutise DL2HAug svaku angayanga Marracuene hi mhaka muni. ‘DL2HMand perguntou ao DL2HAug sobre a razão de não ter ido a Marracuene.’

**DL2HP$_4$**: DL2HMand, esse território não é dele, kambe epa anisvitive; famba, mas é uma coisa ilegal mesmo. ‘O território é meu, não de DL2HMand; vá, mas sabia que é ilegal.’

**DL2MM** e **DL2MK$_5$**: Im-na‘sim’

**DL2HP$_6$**: Mine, não pode haver conflito, ningasvitivi svaku kuni vanhu va tsrikanaka a mugangeni ningasvitivi, hambi abzele xaka dzranga. ‘Tenho de estar a par de todos os problemas que ocorrem aqui, independentemente de ser ou não meu familiar.’

**DL2MM** e **DL2MK$_7$**: Hisvoni, kambe hahaya kohala ‘Está bem, mas vamos para lá.’

**DL2HP$_8$**: Fambani, fambani, kambe hisvawukanganyise isso. ‘Vão, vão, mas isso é aldrabice’

**DL2MM** e **DL2MK$_9$**: Im-na, hisvoni (acenando com a cabeça) ‘Sim, está bem.’

### Conversa 3 – DR

**DR1MC$_1$**: Nhlikanhi, papayi! Aninavela kuyigela nfambu wa Sonto.

'Boa tarde, pai! Gostaria de saber sobre o programa do Domingo.'

**DR1HA$_2$**: Hizrambiwile, loko hi zrambiwa, svikombela, svaku 8h, na mihelelile hinkwenu, hitlhasa hizriya tindleve, hi yingiseta lesvi hizrambeliweke svoni, loko hi zrambiwile, vatahibzela masungulu, ni kuva vahibzela svaku a hoyo-hoyo yenu hi leyi, svenu svibasile.

'Fomos convidados, por isso é necessário que todos estejamos prontos até 8h, ao chegarmos temos que prestar atenção no que eles têm para nos dizer e identificarmos o ponto fundamental e se as coisas estão limpas ou claras.'

**DR1MC$_3$**: Xja navoni, vatatsrika vaya (indicando as crianças)? 'E eles terão de ir?'

**DR1HA$_4$**: Him, nile hiya gerexja hinkwezru. 'Sim, eu disse que todos devemos ir à igreja.'

**DR1MC$_5$**: Him. 'Sim.' (acenou, enquanto o homem explicava)

**DR1HA$_6$**: …tihosi ta misava ni maasunto relixjiyoso hitava navone, hi vone vahivitanaka, hivitaniwa hitihosi akuva hitlhanganisa a nkuvunyana hingana woni, hine a hiye lhamula nchumu, hoyayingiseta.

'Os chefes das terras e dos assuntos religiosos também estarão connosco, eles é que nos chamam para organizarmos a festinha que temos, nós não vamos para responder nada, só vamos para ouvir.'

**DR1HA$_7$**: lesvi vahivitanelaka svoni, i nhlamulu ya leyi vangahitsrembisa svaku vatahinyika. Anile hivanyiki a mapapela?

'O motivo pelo qual nos chamam é mesmo para responder sobre o que disseram que iam nos oferecer já que lhes entregamos documentos?'

**DR1MC$_8$**: Him. 'Sim.' (acenou enquanto o DR1HA explicava)

**DR1HA$_9$**: …hiya nyikela hala. 'Vamos entregar lá.'

**DR1MC$_{10}$**: Hisvoni. 'Está bem.'

**DR1HA$_{11}$**: Hizre hi kukabidzri na muku kulukumba a famba, aya kohala, svosvi hinkwezru hi nkereke a kuvva hita kuma a malovati, hikusa a nhlamulo hi koni wungatlhasa a tolo, lesvaku hi famba hi sonto, kuta ku loko hi buya hi tsrama halenu, hitatsrimba siku, ni wheti ndzaku kutapfuliwa azona ledzri, nikuxava a svakuda svaku tsremakanya sviya hala, a kuva hidisa a vazrambiwa lava hitakavavitanaka.

'Por duas vezes o nosso líder foi em busca de resposta e ela chegou ontem, daí que temos que ir no domingo, para que ao voltar para aqui, a gente defina o dia e o mês e compremos alimentação para os nossos convidados.'

**DR1MC$_{12}$**: Him. 'Sim.'

**DR1HA$_{13}$**: Hisvosvo. 'É isso.'

**DR1MC$_{14}$**: Khanimambu! 'Obrigado!'

## Conversa 4 – DR

**DR2MB$_1$**: Bzixile, papayi sekeretariyu! 'Bom dia, sr. Secretário!'
**DR2HN$_2$**: Bzixile! Mhoyini? 'Bom dia! Como estão?'
**DR2MB$_3$**: Hikone…khanimambu! Ningo n'wine? 'Estamos bem. Obrigado! E vocês?'
**DR2HN$_4$**: Nahine hikone, khanimambu. 'Também estamos bem. Obrigado!'
**DR2MB$_5$**: Ka lesvi muni zrumeke, aninavela kuhlaya svaku ningetesvikota. 'Gostava de informar que não conseguirei cumprir a tarefa que me incumbiram.'
**DR2HN$_6$**: Hisvoni, svilungile. Bzela mamana DRMAng svaku namuvitana. 'Está bem. Diga à sr.ª DRMAng que a chamo.'
**DR2MB$_7$**: Hisvoni, papayi. Khanimambu! Nitamubzela. 'Está bem, senhor. Obrigado! Vou informá-la.'

## Conversa 5 – DF

**DF1MP$_1$**: Manu[6], buya utsama halenu.‘Mano, venha sentar-se cá.’

**DF1HJ$_2$**: Mine aniku kosvekiwa, hilesvu ningayala, niku ningebuyi... ‘Eu pensei que estivessem a cozinhar, por isso neguei’

**DF1HA$_3$**: Oh...im-na... ‘Sim…’

**DF1MP$_4$**: Lani i b‘adla dzrayini...kozinya dzra vona hi ledzri. ‘Aqui é onde nos sentamos...a cozinha é ali.’

**DF1HA$_5$**: Mundzruku nitajula mabota yanga, nijula kuya nyakeni. ‘Amanhã precisarei das minhas botas para ir ao campo de cultivo.’

**DF1MP$_6$**: Kuni malembe mabidzri kumbe ni mazrazrhu na kungadzrimiwe. ‘Há dois/três anos que não se cultiva.’

**DF1HV$_7$**: Mini nijula kuyakuvona. ‘Eu quero ir ver.’

**DF1HA$_8$**: Mundzruku mutaya kudzrimeni? ‘Amanhã, irão cultivar?’

**DF1MP$_9$**: Hitafamba, manu[7]…. ‘Iremos, mano…’

## Conversa 6 – DF

**DF2HC$_1$**: Dzripelile kola kaya. ‘Boa noite aqui em casa!’

**Todos$_2$**: Dzripelile... ‘Boa noite’

**DF2HM$_3$**: Kambe mansimu lawa mungaku mutani komba makwini? ‘O campo de cultivo que disseram que me iam mostrar onde está?’

**DF2MM$_4$**[8]: Hitafamba hiyakukomba loko uni nkama, manu. ‘Iremos mostrar-lhe quando tiver tempo, mano.’

**DF2HC$_5$**: Hisvoni. ‘Está bem.’

**DF2MM$_6$**: I nsimu yin`we, yin`wani utakombela manu...akuve atakutsremela hikusa angayikoti. ‘Outro campo de cultivo, peça ao outro mano para lhe ceder uma parte, pois não vai usar toda.’

**DF2HC$_7$**: Hisvoni. ‘Está bem’

**DF2MM$_8$**: Kunyada, manu atlhasili kujuleka mati ya kuhlamba. ‘Cunhada, o mano chegou, é necessário providenciar água para banho.’

**DF2ML$_9$**: Hisvoni, kunyada...nitamuchelela. ‘Está bem, cunhada, vou providenciar.’

**DF2ML$_{10}$**: Kunyado, svakuda sviphameliwili. ‘Cunhado, a comida está servida.’

**DF2HM$_{11}$**: Hisvoni kambe nitanyimela vambenyani. ‘Está bem, mas vou esperar pelos outros.’

## Conversa 7 – DE

[6] Irmão mais novo que a locutora.
[7] Também mais novo em relação à mulher.
[8] Irmã mais velha de DF2HC.

**DE1HZ$_1$**: Khoma lani, a pontero yaku yitakwhela. ‘Toma aqui para o teu ponteiro subir!’

**DE1MM$_2$**: Ipara hikwhela... yitlhela yixika? ‘É para subir e logo descer?’

**DE1HZ$_3$**: Se kunyada wene awubi lesvi? ‘Cunhada, não bebes isto?’

**DE1MM$_4$**: ...mani? Xita mumanya DE1Mdju. ‘Quem? O DE1Mdju vai espancá-la.’

**DE1MF$_5$**: Iyine lesvo?...i banister? Anitlangi lomu. ‘O que é isso? ...é banister? Não bebo.’

**DE1HV$_6$**: Utlanga kwini? ‘O que bebes?’

**DE1MF$_7$**: Nivoleke telefoni niligara, DE1HV. ‘Empresta-me telefone ligar, DE1HV.’

**DE1HV$_8$**: Nomboro ya DE1Mdju hileyi ya kugama hi 90? ‘O número do DE1Mdju é este que termina com 90?’

**DE1MF$_9$**: Himani angakunijula kuligarela DE1Mdju? ‘Quem te disse que eu quero ligar para DE1Mdju?’

**DE1MF$_{10}$**: Nivoleki… ‘Empresta-me…’

## Conversa 8 – DE

**DE2HN$_1$**: ...I1DE2 akwini? Angakoni lomu. ‘Onde está o I1DE2? Não está aqui.’

**DE2MA$_2$**: Nakuvona svaku hon’wuwa bzala. ‘Vejo que estás a beber.’

**DE2HN$_3$**: Ledzriyani dzrihumile? ‘Aquela bebida já saiu?’

**DE2HL$_4$**: Hiledzri. ‘É esta.’

**DE2MA$_5$**: Lomu kahisa, pa. Hawee! ‘Aqui está muito quente!’

**DE2MA$_6$**: DE2MC, uba hini? Dragon, joni? ‘DE2MC, o que está a beber? Dragon?’

**DE2MV$_7$**: DE2MC angayetleli. ‘DE2MC não dorme.’

**DE2MC$_8$**: Aniba khale. ‘Bebia antigamente.’

**DE2HN$_9$**: ...Ufamba unyikela xi yaka yaka? ‘Vai entregar as partes (praticar cópula)?’

**DE2MA$_{10}$**: Nhohlanya...?! ‘Estou maluca...?!’

- Silêncio…

**DE2MA$_{11}$**: Ufalitari maroniyawu, utakuma timhaka... ‘Faltaste à reunião. Terás problemas...’

**DE2HN$_{12}$**: Timhaka, mini? Niyopsaliwa, aniyota... ‘Problema, eu? Eu nasci aqui, não sou vindouro.’

**DE2MA$_{13}$**: Mini niyotaa..., niyotaa, im-na... ‘E eu sou vindoura, sou vindoura, sim...’

**DE2HN$_{14}$**: Ntumbuluku dzri...ntumbuluku dzri... ‘Nativo’